

# ALGUNS ASPECTOS GEOGRÁFICOS DO MUNICÍPIO DE ITAGUAÍ \*

DELNIDA MARTINEZ ALONSO  
Do Conselho Nacional de Geografia

## INTRODUÇÃO

A região em estudo está localizada dentro da chamada Baixada de Sepetiba, que corresponde à parte oeste da Baixada Fluminense. Situada, em sua maior parte, dentro dessa região plana, que é limitada pela escarpa da serra do Mar e pelos rios Itaguaí e Guandu, esta a zona em análise, composta pelo distrito de Itaguaí, distrito-sede do município de Itaguaí, e suas vizinhanças. Examinarei os aspectos físicos e humanos da região onde está localizada a cidade de Itaguaí e suas relações com as áreas próximas, aspectos esses que são idênticos em todo o município.



Fig 1 — Vista da baixada, situada próxima ao rio Guandu, vendo-se os níveis das colinas. Atravessando a planura pode-se entrever a antiga estrada de rodagem Rio-São Paulo. Ao fundo observam-se as elevações dos maciços litorâneos.  
(Foto A Domingues)

Analisarei a evolução econômica dessa área, desde a época colonial até os dias atuais, com suas fases de prosperidade ou decadência. Serão examinados os fatores econômicos que possibilitaram esse desenvolvi-

\* Tese apresentada no concurso para a carreira de Geógrafo do Conselho Nacional de Geografia — 1954

mento e, também, as causas que contribuíram para a decadência verificada e a atual tendência do soerguimento econômico da região

Apresenta-se, atualmente, esta área numa fase de expansão tendo como base a agricultura, que foi e, ainda é o seu principal recurso econômico, pois, as terras do município de Itaguaí fazem parte do chamado “cinturão verde” do Rio de Janeiro. Foi, justamente, o fato de ser zona abastecedora do Rio, que nos levou a estudá-la. A escassez de dados bibliográficos tornou necessário um mais demorado e exaustivo pesquisarmento da sua evolução econômica.

A expansão e a modernização urbana que se processa na cidade de Itaguaí, há bem pouco tempo incluída no rol das “cidades mortas”, devem-se a essa prosperidade econômica

Tudo isso favorecido por estar aquêlê município próximo da Capital Federal, que se tornou um dos mercados consumidores de seus produtos agrícolas. Note-se que Itaguaí está mais voltada para o Rio de Janeiro, do que para o próprio estado do Rio, o que se deve atribuir às facilidades de comunicação.

## ASPECTOS FÍSICOS

### *Relêvo*

Na região em estudo a serra do Mar, que até então corria bem afastada do litoral, aproxima-se do mesmo, fazendo desaparecer a bai-

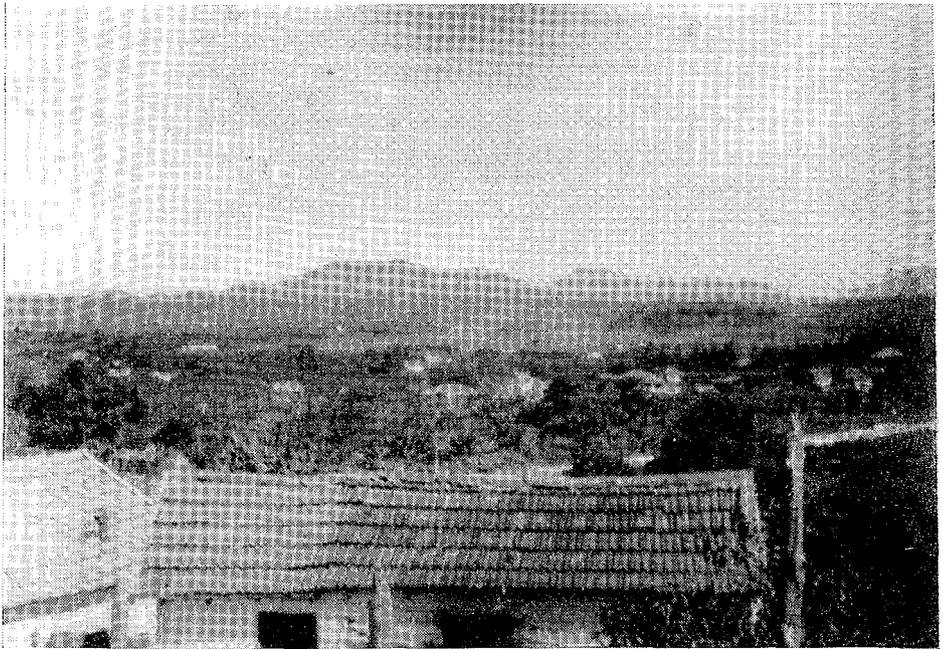


Fig. 2 — Aspecto da baíaada a leste da cidade de Itaguaí, vista do alto de pequena colina onde está a igreja de S. Francisco Xavier. Ao fundo, vemos as serras litorâneas, isoladas na baía de Sepetiba, que constituem as ilhas da Madeira e de Itacuruçá

(Foto do autor)



Fig 3 — *Aspecto da baixada vindo-se as colinas perto da pequena vila de Taireté, próximo ao divisor de águas, entre as baixadas de Sepetiba e Guanabara*  
(Foto A Domingues)

xada, como se pode observar em Coroa Grande. A oeste desenvolve-se uma costa alcantilada, que apresenta planuras descontínuas no fundo das reentrâncias da baía de Sepetiba. A leste de Coroa Grande encontra-se uma costa baixa, onde as elevações se resumem em pequenos cômodos de areia, dominando a baixada inundável.

Observando-se a região de Itaguaí saltam-nos aos olhos duas zonas fisiográficas bastante diferentes — a baixada e a “serra”, aspectos êsses que se encontram por todo o município. A serra apresenta-se, antes como um “rebôrd” do que pròpriamente como “serra”, na verdadeira acepção do têrmo. É um “paredão” relativamente abrupto, que domina a área levemente ondulada da baixada, com suas colinas (fig. 1). Os maciços litorâneos desta região se resumem em meros pontões, atualmente convertidos em ilhas: — da Madeira e Itacuruçá (fig. 2).

Assim, podemos considerar na região em estudo dois aspectos físicos:

- a) a baixada
- b) a serra

### *A Baixada*

Constitui a baixada a primeira zona em estudo. É delimitada pela serra, contrastando com esta devido ao seu relêvo esbatido, onde as elevações são bem raras. Distingue-se, assim, pela sua topografia notavelmente plana, semeada de pequenos morros.

Examinando-se portanto, com cuidado, a baixada, podemos distinguir dois aspectos físicos: — a baixada pròpriamente dita e as colinas. Assim, temos de um lado a baixada sujeita a inundações e, de outro, as colinas que estão fora do alcance das enchentes, e foram os pontos onde se estabeleceram os primeiros colonos quando de sua chegada à região (fig. 3).

De quando em quando, na baixada pròpriamente dita, observam-se cordões arenosos, que constituem pontos relativamente mais elevados em relação à região inundável. Correspondem a restingas internas. Estas têm importância para o traçado das vias de comunicação, pois são aproveitadas pelo homem para localizar suas estradas, como a de rodagem entre Santa Cruz e Itaguaí, atualmente destruída.

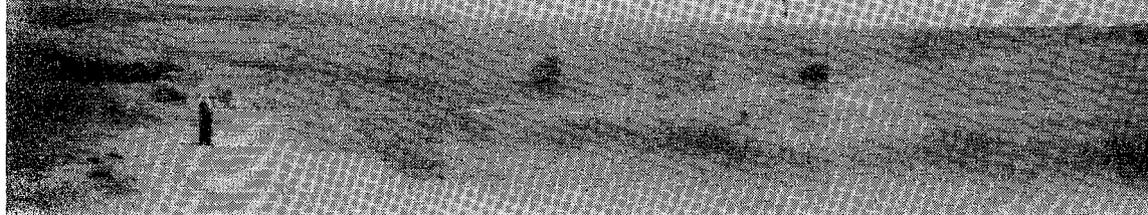


Fig 4 — Dominando o nível inferior da baixada, próximo à cidade de Itaguaí, surge um relêvo de formas suaves que lembra os Tabuleiros — são as colinas. Dissecando este nível vemos uma série de pequenos vales onde, raramente, encontra-se um curso d'água

(Foto do autor)

Notamos ainda, na baixada a existência de camadas conchíferas como a encontrada num corte da Estrada de Ferro Central do Brasil (ramal de Mangaratiba), que serve a região em estudo. Essas camadas estão localizadas a mais de quatro quilômetros da atual linha litorânea, indicando um grande recuo do mar <sup>1</sup>.

É uma região de aluvionamento bem desenvolvido, onde os rios divagam e, cuja tendência atual é um aumento de sua área, já que se processa uma nítida colmatagem. Essa planície está, ainda, em evolução. O aluvionamento prossegue, hoje em dia, quer pelo material trazido pelos rios Itaguaí e Guandu, quer pela ação construtora das vagas, facilitada nessa enseada calma, que é a baía de Sepetiba, onde também os manguezais contribuem para a retenção das aluviões <sup>2</sup>.

Encontramos na região em aprêço uma sucessão de sedimentos fluviiais e marítimos indicando que a baixada é formada pela ação flúvio-marinha, o que nos permite observar camadas de areia e de argila superpostas <sup>3</sup>.

Dominando a baixada surge um relêvo ainda relativamente esbatido de pequenas colinas, constituindo níveis bastante regulares, que oscilam entre 80-100, 50-65, 25-35 e 15-20 metros. Essas colinas formam uma linha de altitudes pouco elevadas entre os rios, sendo bem considerável a área que elas ocupam <sup>4</sup> (fig 4).

À primeira vista parece que estas colinas foram destacadas pela erosão de um antigo nível de acumulação. Elas formam níveis de erosão escalonados, que testemunham fases de abaixamento do nível do mar, enquanto a baixada evidencia um trabalho de regularização do litoral após um afogamento. Isto, porque é muito difícil acreditar-se num movimento do continente depois do terciário, pois os estudos geológicos nos mostram que o Brasil é um bloco estável pelo menos desde o fim do plioceno <sup>5</sup>. Verificamos, porém, que as rochas dissecadas pertencem em certos pontos ao terciário, logo, êsse movimento deve ser recente. Movimento êsse que não seria do solo, mas sim do mar e, que não se deu de uma só vez, porém, em fases sucessivas reveladas pelos níveis das colinas <sup>6</sup> (fig 5).

Os rios da região dissecam estas colinas e ampliam sua planície aluvial fazendo surgir um tipo de planura diferente daquele da baixada

<sup>1</sup> GÓIS, Hildebrando de Araújo — "Saneamento da Baixada Fluminense", p 54

<sup>2</sup> e <sup>3</sup> MENDES, Renato da Silveira — "Paisagens Culturais da Baixada Fluminense", pp 24 e 26

<sup>4</sup> e <sup>5</sup> RUELLAN, Francis — "Aspectos Geomorfológicos do Litoral Brasileiro — o Trecho Comprendido entre Santos e o Rio Doce", pp 7 e 9

<sup>6</sup> RUELLAN, Francis — "Evolução Geomorfológica da Baía de Guanabara e das Regiões Vizinhas" p 483

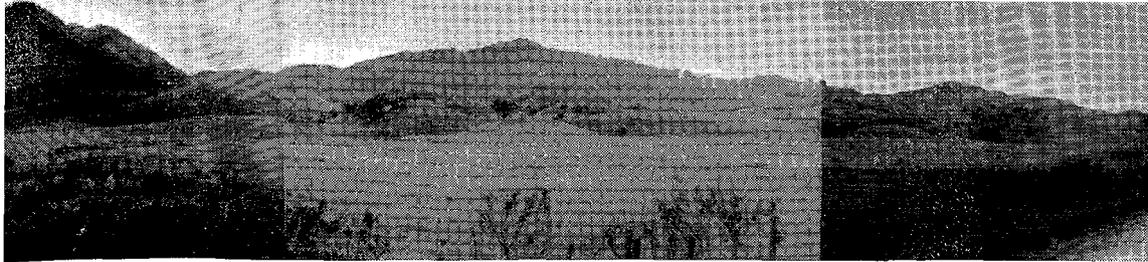


Fig 5 — Na encosta norte do maciço de Mendanha, próximo ao divisor de águas do rio Guandu, vêem-se níveis de colinas escalonadas, bem conservadas

(Foto A Domingues)

própriamente dita. Trata-se de uma baixada aluvial, de origem exclusivamente fluvial. São pequenas planícies quaternárias, formadas pelos sedimentos trazidos pelos cursos d'água que descem da serra do Mar. Surgem em conseqüência do alongamento dos cursos dos rios, devido à formação de restingas, provocando uma sedimentação nos baixos cursos, próximo às elevações. É o caso, por exemplo, do início da planície onde corre o rio Mazomba que está, atualmente, sendo bastante explorada pelo homem com suas atividades agrícolas.

Nesta zona da baixada, a rocha sã raríssimamente aflora. Vemos que nas colinas predominam as rochas profundamente decompostas e, uma camada de detritos, que recobre a rocha alterada, pois o clima quente e úmido facilita a decomposição dos gnaisses e granitos. Nas colinas, entretanto, também surgem camadas de rochas pouco decompostas, representadas pelas variedades mais quartzosas do gnaiss biotita. Na parte superior de algumas colinas observamos a existência de seixos de quartzo mal rolados. Notamos, também, na base da colina onde está localizada a igreja-matriz do núcleo de Itaguaí, a presença de dois tipos de argila: uma de coloração arroxeadada, rica em quartzo, e outra, de tonalidade amarelada. A primeira parece corresponder à zona de decomposição do gnaiss, como se pode verificar em alguns lugares onde existem leitos, que não foram ainda, completamente decompostos. Quanto aos leitos de seixos de quartzo encontrados em algumas colinas, vemos que possuem tamanhos bem variáveis, geralmente, são fragmentados e angulosos, não tendo orientação nítida nesses depósitos.

No material argiloso componente dessas colinas, algumas vezes ocorrem filões de quartzo, que se apresentam completamente fragmentados, provando que esta argila em grande parte provém da decomposição do gnaiss *in loco*.

Constitui a planície de Sepetiba uma das menos férteis da Baixada Fluminense<sup>7</sup>. São os terrenos da baixada, generalizando, formados de areias, recobertos por uma camada sedimentar de argila quaternária, de espessura variável, que diminui à medida que se aproxima do oceano<sup>8</sup>, ocorrendo ainda depósitos turfosos de extensão variada.

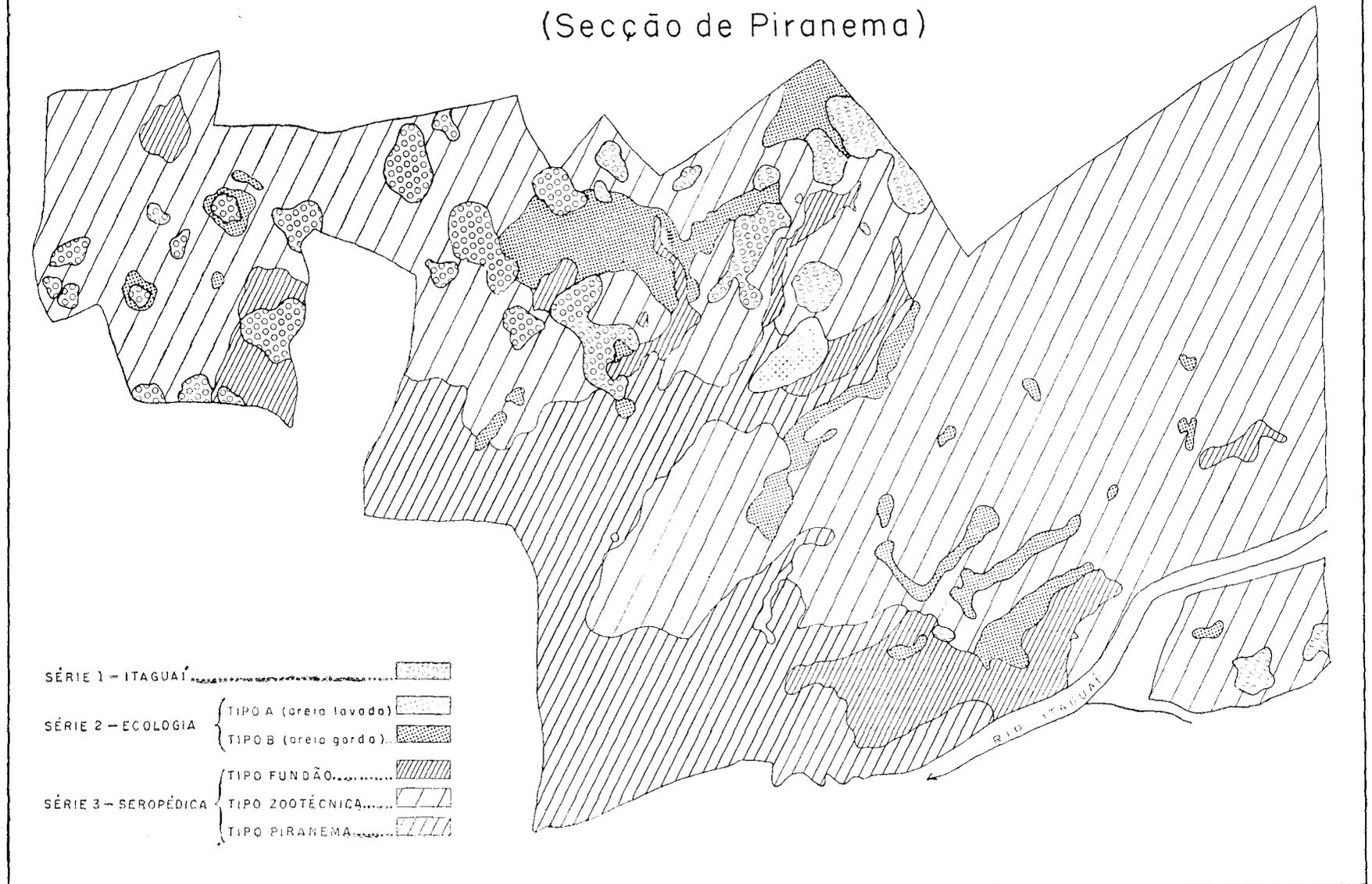
Os solos turfosos da baixada propriamente dita são, quando bem drenados, relativamente ricos para a agricultura, como se pode depreender das análises feitas na zona de Piranema<sup>9</sup> e em outras partes do município. Os solos da baixada foram influenciados pelo trabalho de

<sup>7</sup> MENDES, Renato da Silveira — "Paisagens Culturais da Baixada Fluminense", p. 25

<sup>8</sup> Góis, Hildebrando de Araújo — "Saneamento da Baixada Fluminense", p. 46

<sup>9</sup> Vide adiante "Estudo Agrológico do Núcleo de Santa Cruz".

# ESTUDO AGROLÓGICO DO NÚCLEO DE STA. CRUZ (Secção de Piranema)



acumulação dos rios que inundavam a região, como ainda o fazem, hoje em dia, porém, em menor escala, graças ao saneamento da região.

As colinas, entretanto, apresentam solo mais pobre. Quando ostentavam cobertura florestal, eram essas colinas mais ricas, devido à camada de solo humoso. Com o desmatamento verificou-se esgotamento desses solos, por causa do trabalho da erosão que carrou a parte mais rica em húmus. Essas colinas foram os primeiros pontos onde se estabeleceram os colonizadores; estiveram as mesmas sujeitas a uma grande exploração por parte do colonizador. Apresentam, atualmente, devido às causas apontadas acima, solo bastante depauperado. As que se acham localizadas próximo à cidade de Itaguaí, foram reservadas pelo homem para loteamento com fins urbanísticos. Enquanto isso, ficam as colinas mais distantes convertidas, em sua quase totalidade, em pastagens.

Um estudo pormenorizado dos solos da baixada foi feito no Núcleo Colonial de Santa Cruz, Secção de Piranema, localizado no município em aprêço. Essas análises nos mostram as variedades dos depósitos aluvionais na baixada, os quais não se processaram de uma só vez. Os estudos agrológicos desse núcleo agrícola (Fig. 6), que ocupa área considerável na zona em estudo, indicam três tipos diferentes de solos, ou melhor, três séries: a Itaguaí, a Ecologia e a Seropédica, que são encontradas no resoaante da baixada <sup>10</sup>.

As terras elevadas do Núcleo, que constituem pequena porcentagem de área, formam a primeira série, denominada Itaguaí, que compreende um solo de coloração pardo-amarelada ou avermelhada e constituição de areia terrosa ou argilosa; solo próprio para a agricultura.

Os solos da baixada formados por aluviões, acham-se englobados nas outras duas séries. Os da Ecologia, são formados por depósitos arenosos e, os da terceira série, chamada Seropédica, constituídos pela deposição de material mais pesado, dando origem a solos mais compactos, de textura argilosa, aconselhados, principalmente, para a horticultura e, também, para a fruticultura.

Estas duas séries se subdividem. A segunda série compreende dois tipos, ambos arenosos — os tipos A e B. Porém, o tipo A, também chamado “areia lavada” se caracteriza pela pobreza em matéria orgânica, em oposição ao tipo B, denominado “areia gorda”. A série Seropédica, formada por solos compactos, de cor cinza escura, alagáveis na época das chuvas, apresenta três tipos: — o fundão, o zootécnica e o piranema. A última variedade constitui as terras de maior valor econômico do Núcleo Colonial de Santa Cruz, Secção de Piranema, dada a sua formação turfosa. É solo de textura superficial argilosa, de cor preta, que apresenta elevado teor de carbono e maior acidez, entre todos eles.

Assim as variedades de solos encontrados nesse Núcleo possibilitam as mais diversas culturas por parte de seus colonos, aumentando, por-

---

<sup>10</sup> GADELHA, Valdemar — “Estudo Agrológico do Núcleo de Santa Cruz — Secção Piranema” in “Relatório do Departamento de Terras e Colonização”

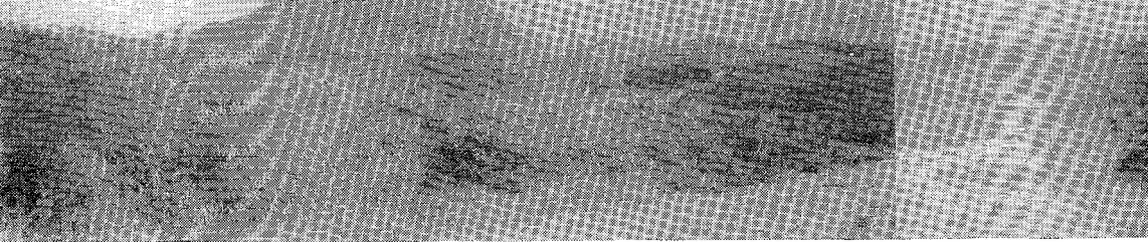


Fig 7 — Aspecto das colinas que dominam na baixada. Ao fundo, à direita, ela é barrada pela parede da serra Mar. De quando em quando, destacam-se esporões desta serra, que constituem relevos importantes — é o caso da serra do Leandro — que se vê à esquerda

(Foto do autor)

tanto, sua capacidade de produzir diferentes produtos agrícolas e auferir melhores lucros. Outro fato interessante verificado neste Núcleo é que se encontram manchas de solos bons misturadas com outras de solos mais pobres. Existem, conseqüentemente, lotes mais favorecidos agricolamente do que outros, porém, todos apresentam possibilidades agrícolas bem satisfatórias.

### A serra

Quando se observa, da baixada, os altos das colinas na direção noroeste (NW), vemos dominando o nível das pequenas ondulações uma grande barreira montanhosa, que surge como obstáculo à penetração para o interior — é a serra do Mar. Esta serra que, na região de Petrópolis e Teresópolis, corre paralela ao litoral, no município de Itaguaí aproxima-se do mesmo, chegando as primeiras elevações a barrarem a continuidade da baixada (fig 7).

Constitui a serra do Mar uma frente contínua, que limita a Baixada Fluminense. É considerada um bloco falhado<sup>11</sup>, que se apresenta basculado para oeste, descendo em escarpa bastante íngreme para o lado do mar e em declive suave para o vale do Paraíba. Sua origem é dada como sendo devida a um gigantesco desabamento, ocorrido provavelmente em fins do cretáceo ou início do cenozóico, ligando-se assim a sua formação à da baía de Guanabara e à da Baixada Fluminense<sup>12</sup>.

A serra do Mar é um extenso maciço arqueano, bem rebaixado — em degraus, onde as rochas predominantes são o gnaisse e o granito, o que dificulta o reconhecimento das antigas dobras, mas a escarpa da serra, segundo RUELLAN, deve ser uma “frente dissecada de bloco falhado”<sup>13</sup>. A descida da serra não se faz em um único lance, pode-se entrever patamares à meia encosta. Esses patamares podem ser explicados como blocos falhados à meia encosta. Isto porque, geralmente as falhas não ocorrem isoladas e são comuns outras paralelas. Formaram assim, um sistema escalonado de paráclases. Outra explicação para esses patamares é dada pelo trabalho abrasivo das vagas, tendo sido elevados à sua posição atual pela acomodação isostática do escudo brasileiro. Para resolver esse problema seria necessário um estudo de correlação mais geral, que foge ao escopo do nosso trabalho (fig 8).

Os rios que entalham a serra são torrenciais, tendo a erosão um papel preponderante. Devido a isto somos conduzidos a pensar que este

<sup>11</sup> RUELLAN, Francis — “Evolução Geomorfológica da Baía de Guanabara e das Regiões Vizinhas”, p 449

<sup>12</sup> LAMEGO, Alberto — “O Homem e a Guanabara”, p 88

<sup>13</sup> e <sup>11</sup> RUELLAN, Francis — “Aspectos Geomorfológicos do Litoral Brasileiro no Trecho Comprendido entre Santos e o Rio Doce”, p 7



Fig 8 — Aspecto tomado do Monumento Rodoviário na direção sudeste. Após atravessarmos a serra da Viúva Graça, os altos cumes vão perdendo altitude, até próximo da segunda escarpa da serra do Mar. Trata-se, provavelmente, de blocos falhados e basculados para o norte fortemente convertendo a região num verdadeiro "mar de morros".

(Foto A. Domingues)

acidente — a serra, seja relativamente recente. É essa juventude dos rios, aliada a uma ausência de capturas, verificadas no declive voltado para o oceano, uma nova prova da juventude dessa escarpa <sup>14</sup>.

Os gnaisses na serra são praticamente horizontais, como tivemos ocasião de verificar na serra do Leandro, e, notamos a ausência de rochas bastante decompostas nas encostas, enquanto na baixada as colinas exibem um gnaiss bastante alterado. A explicação para isto pode ser oferecida se imaginarmos a existência de blocos falhados, atualmente, bastante dissecados. Se examinarmos o alto da serra encontraremos, outra vez, um relêvo suave, onde a camada de decomposição é bastante espessa, o que reforça a suposição da falha. Comprovar, entretanto, uma falha numa região em que as camadas de decomposição mascaram tódia a estrutura, torna-se verdadeiramente difícil.

Notamos ainda, na região em estudo que o contacto do nível da baixada com suas colinas com a serra é bem brusco. É bastante nítido o contraste existente entre a baixada onde está localizada a cidade de Itaguaí, com as serras que a delimitam, como é o caso, por exemplo, da serra de Arapucaia a sudoeste de Itaguaí e, próximo à qual correm as estradas de ferro e de rodagem que se destinam a Mangaratiba (fig 8).

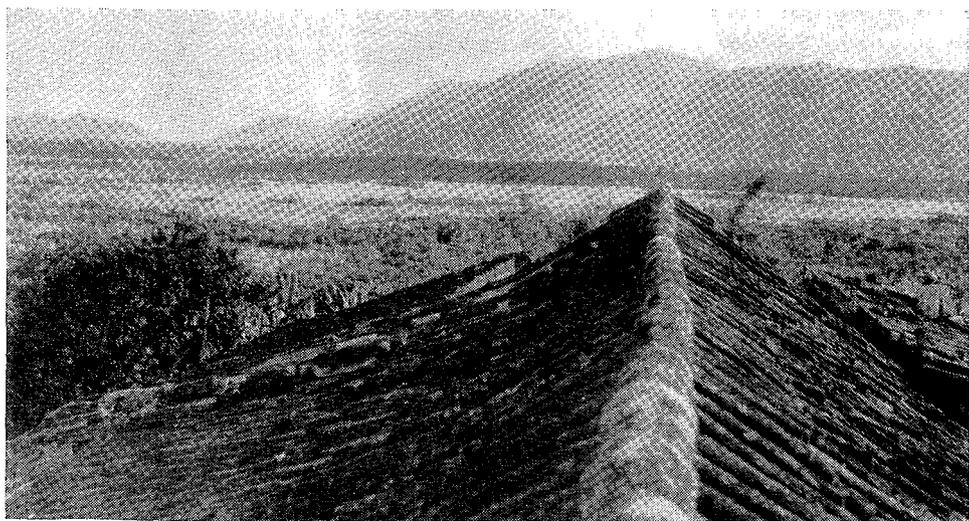


Fig 9 — Aspecto da serra de Arapucaia, dissecada por pequenos vales. Contrasta com o relêvo esbatido da baixada.

(Foto DNOS)

O contacto entre essas duas zonas bastante diversas prolonga-se em todo o município. Dessa maneira, a planície onde correm os rios Itaguaí e Guandu termina quase súbitamente no sopé da serra do Mar. Notamos, perfeitamente êsse aspecto quando percorrendo a região da planície do Guandu, e olhando em direção oeste e noroeste avistamos, ao longe, a serra que segue como um "paredão" limitando a baixada. O mesmo verificamos ao nos aproximarmos dos primeiros contrafortes da serra do Mar, quando seguíamos pela estrada Rio-São Paulo (fig. 10).

A serra do Mar, nesta região recebe diferentes denominações locais, como serras da Viúva, Araras e seus contrafortes de Catumbi e Leandro, êste situado próximo à cidade de Itaguaí. Essas serras limitam as bacias hidrográficas dos cursos d'água que cortam a baixada de Sepetiba, — representados pelos rios Itaguaí e Guandu, com seus afluentes.

Isolada entre as baixadas de Sepetiba e Guanabara, fica a serra de Madureira, que se ramifica para o sul pela serra do Medanha, que limita a baixada a leste

## HIDROGRAFIA

A diferença entre essas duas partes — baixada e serra é bastante nítida, não somente, quanto à topografia mais atormentada da segunda, mas também, quando se estudam os pequenos rios que entalham o flanco da serra. Nesta os rios apresentam-se como se fôsem verdadeiras torrentes, de curso rápido, com pequenos saltos, porém quando atingem a baixada êles se desenvolvem em caprichosos meandros<sup>15</sup> e a inclinação do seu perfil longitudinal torna-se quase nula. Assim de um curso montanhoso, de erosão ativa, passa-se, rapidamente, a um curso de planície, onde o rio divaga, expande-se, sem ter um leito bem definido, como ocorre com o Mazomba, Pitanema e outros rios da região (fig. 11). Êsses rios, atualmente, têm os seus leitos regularizados, devido às obras que o Departamento de Obras e Saneamento tem realizado nessas áreas

Outro aspecto interessante quanto à hidrografia da região, é que os rios na serra se apresentam de modo geral, adaptados à estrutura gnáissica da mesma, isto é, na direção sudoeste-nordeste. É o caso do Ribeirão das Lajes, que é um dos formadores do Guandu e, também, de vários afluentes da margem esquerda do Guandu, como o Valão da Louça e outros. Êste fato ocorre ao norte do município, onde vemos que os rios mantêm essa direção mesmo ao atingir a baixada, pois aí se verifica a inflexão da serra do Mar que aos poucos vai ficando paralela ao oceano.

No sul do município os rios também têm, inicialmente, essa orientação sudoeste-nordeste, porém, quando êles atingem a baixada, vemos que correm mais ou menos paralelos à linha litorânea. É o caso do Mazomba que é um dos formadores do Itaguaí, e de outros rios da região. Êsse paralelismo é, possivelmente, consequência da adaptação dos mesmos, pois acompanham linhas de antigas restingas da região

<sup>15</sup> Góis, Hildebrando de Araújo — "Saneamento da Baixada Fluminense", p. 78

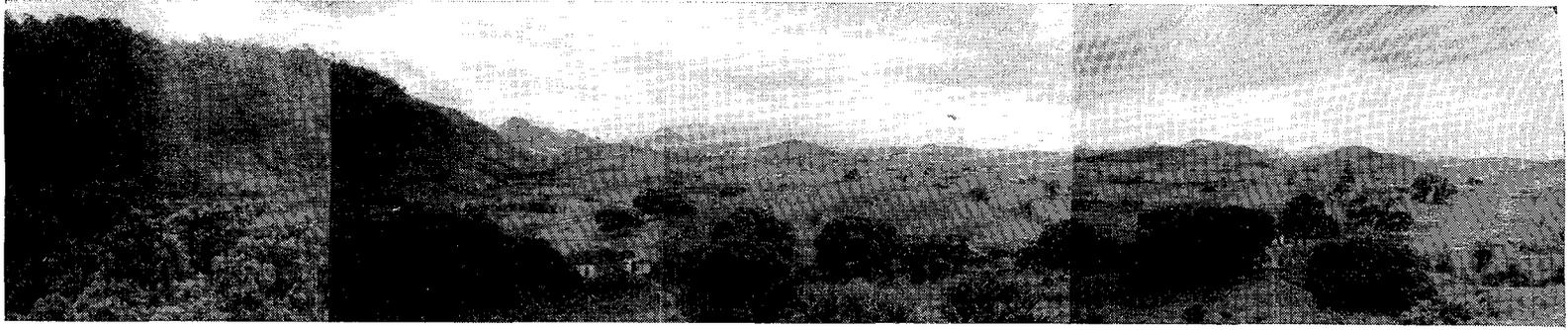


Fig. 10 — A baixada e limitada bruscamente por um paredão abrupto, onde os afloramentos rochosos surgem a cada instante, contrastando com a zona das colinas de rochas profundamente decompostas. Esta escarpa sugere a existência de uma linha de falha, ao longo da qual se teriam alçado os blocos que constituem a serra do Mar

(Foto A. Domingues)

### Perfil longitudinal do rio Mazomba

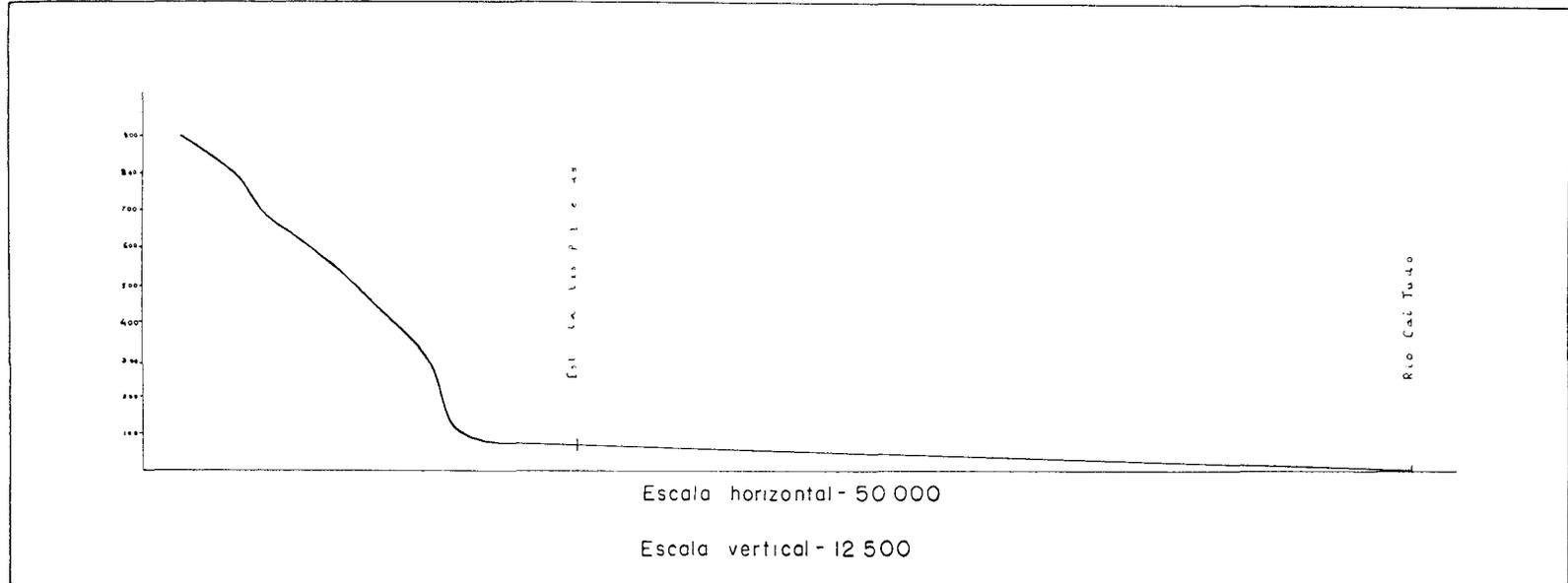


Fig. 11

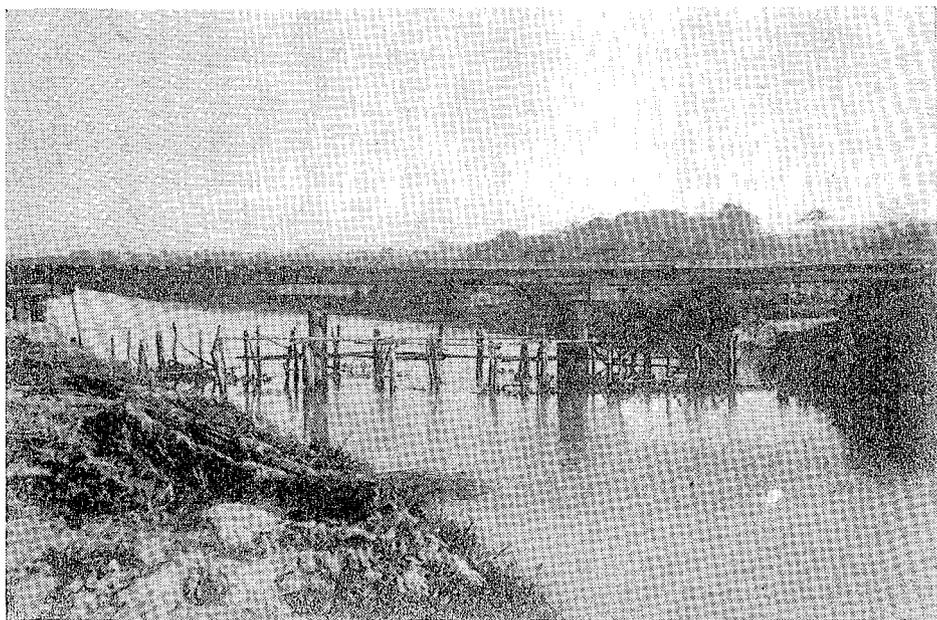


Fig 12 — *Aspecto do rio Itaguaí, avistando-se a ponte que liga Itaguaí a Santa Cruz, no Distrito Federal*

(Foto DNOS)

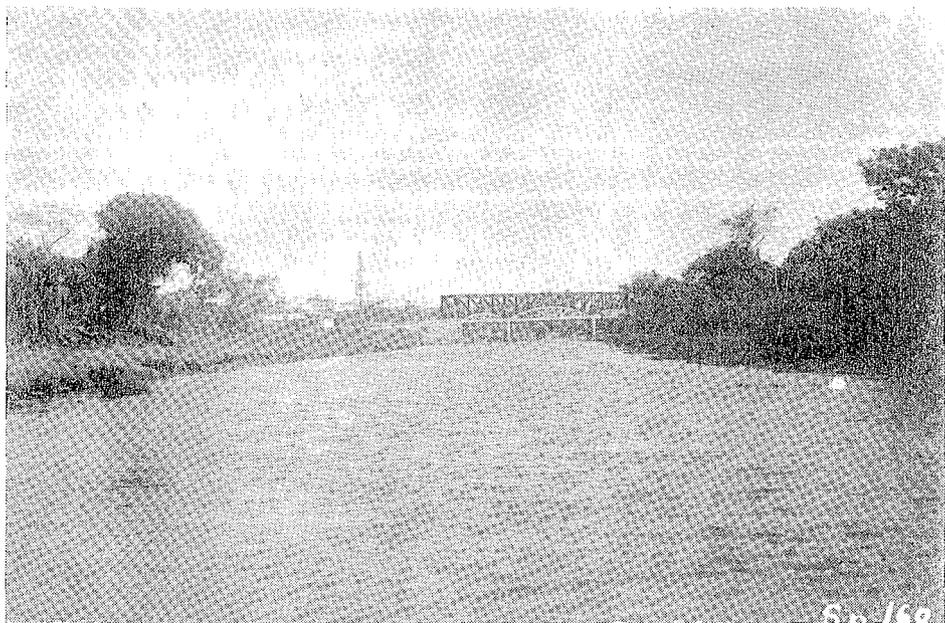


Fig 13 — *Rio Itaguaí, aspecto tomado a montante da ponte da Guarda*

(Foto DNOS)

Mesmo o Itaguaí, em parte, apresenta essa adaptação à estrutura da baixada no trecho que vai da Ponte dos Jesuítas até mais ou menos a sua confluência com o rio Cai-Tudo, depois divaga na planície aluvional, apresentando uma série de meandros (figs. 12 e 13)

MAPA ESQUEMATICO DO BAIXO CURSO  
DO RIO ITAGUAÍ

Baseado em fotografias aéreas do Serviço Geográfico do Exército

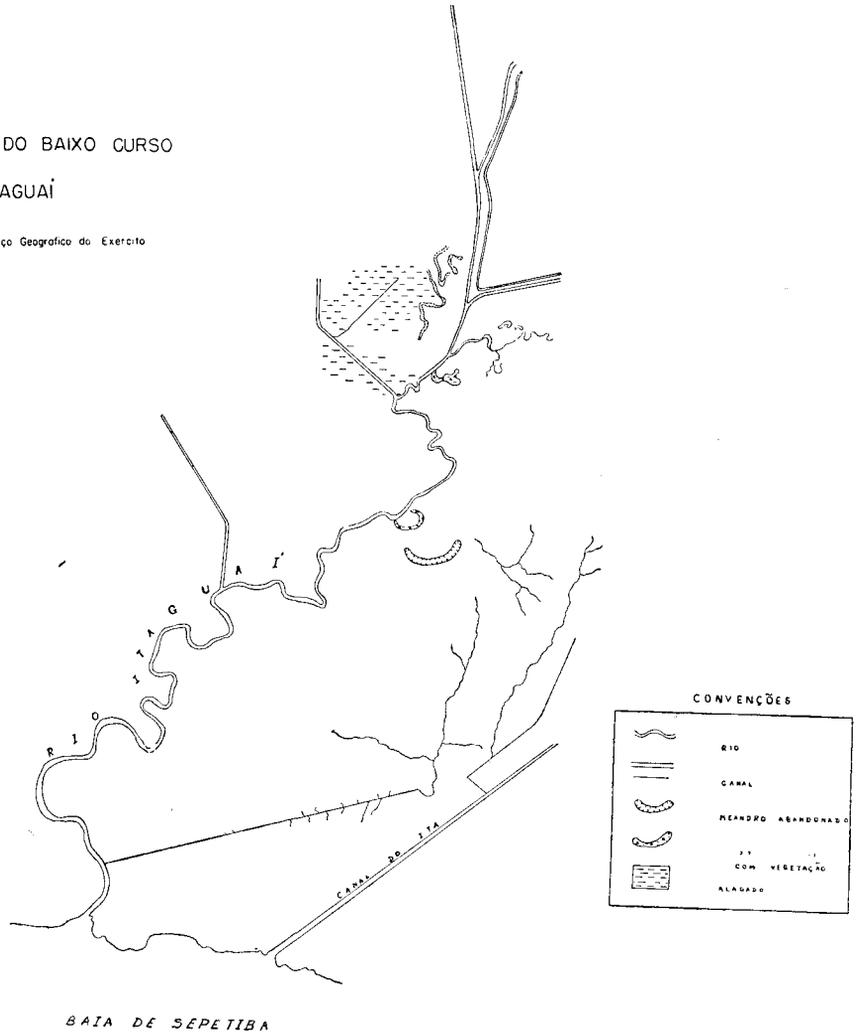


Fig. 14

Quanto ao rio Guandu corre em plena baixada, pois parece se adaptar à brecha tectônica, existente a oeste da serra de Madureira <sup>16</sup>.

Apresentam os rios nos seus trechos torrenciais características muito diferentes das do curso inferior. No curso superior, por exemplo, apresenta o rio Mazomba forte declividade e, conseqüentemente, feição erosiva bastante intensa. Quando os rios atingem a região plana perdem em grande parte sua capacidade erosiva, começam a divagar, formando meandros como observamos no Itaguaí (fig. 14), devido à incapacidade de transportar parte do material trazido pela torrente, ou então, espriam-se formando brejos como o Piranema e o Guandu, em certos trechos. É tão fraco o declive dos rios na baixada que as terras ficam

<sup>16</sup> RUELLAN, Francis — "Evolução Geomorfológica da Baía de Guanabara e das Regiões Vizinhas", p. 446.



Fig 15 - Zona inundada no distrito-sede de Itaguai, a montante da via férrea da E F Central do Brasil, ramal de Mangaratiba Foto tirada do viaduto da EFCB (Foto DNOS)



Fig 16 - Aspecto do Campo do Maranhão inundado, à margem direita do canal de São Francisco e a montante da EFCB (Foto DNOS)

alagadas durante o período das chuvas e as águas dificilmente conseguem escoar (figs 15 e 16).

Os rios da região com a conquista de novas áreas à Baixada de Setpetiba, aumentam o seu perfil longitudinal, provocando sedimentação no baixo curso. Como consequência ocorrem fenômenos de abandono de meandros, devido a auto-barragem, inundando as áreas ribeirinhas por ocasião das cheias. Essa inundação da planície durante as grandes enchentes é devida à modificação do perfil dos rios, cujas irregularidades, segundo RUELLAN, não são tôdas devidas à estrutura, mas também a ciclos de erosão<sup>17</sup>.

Essas inundações, porém, não ocorrem somente por causa da insuficiência de vazão dos rios, mas também aos entulhamentos de seus cursos. A formação de meandros, o aumento do baixo curso dos rios, e, também, a influência da maré, são fatores que provocam inundações.

Não é, somente, a configuração topográfica da baixada que favorece o transbordamento dos rios, juntemos a isso a constituição geológica da região. De maneira geral, encontra-se na baixada uma camada superficial de argila quaternária, mais ou menos impermeável, que diminui bastante a infiltração da água.

Outro fator importante é a pluviosidade, que é bem considerável na serra e, também, não menos insuficiente na baixada. Assim, devido à existência de um período de chuvas mais abundantes, temos uma variação do volume das águas dos rios.

Junte-se a essas circunstâncias a ação do homem, que concorre muitas vezes para essas inundações, quando faz os aterros para a construção das estradas de ferro ou de rodagem, que agem como verdadeiras barragens, dificultando o escoamento das águas.

A fim de controlar o regime dos rios, o Departamento de Obras e Saneamento construiu canais, retificando os rios, dragando os mesmos de quando em quando e, construindo diques marginais, que impedem o entrasamento das águas dos rios. Assim durante as cheias se pode ver comumente o nível das águas dos rios acima do da baixada.

## CLIMA

Constitui um dos fatores físicos importantes no estudo da região em aprêço. Apresenta a mesma características climáticas bem diferentes devido aos fatores — relêvo e altitude<sup>18</sup>.

Assim, temos na baixada um clima quente e úmido, enquanto na serra é mais úmido e a temperatura é amenizada pela altitude. As chuvas são mais intensas na região montanhosa que na planície. A subida que as nuvens são forçadas a fazer de encontro à serra do Mar, determina grandes precipitações que vêm concorrer para a inundação das planícies. Aumentam, consideravelmente, o débito dos pequenos cursos torrençiais que percorrem a região.

<sup>17</sup> *idem* — ob cit, p 455

<sup>18</sup> Não existem na região estações meteorológicas que nos permitam estudo mais acurado sobre o clima da mesma. Porém, a descrição sobre êsse aspecto físico da região pôde ser feita graças às das outras áreas do estado e da baixada, de condições análogas e clima semelhante

Na encosta e no alto da serra encontramos um clima superúmido com precipitação que deve ser superior a 2 000 mm — são as chuvas de relêvo, abundantes durante quase todo o ano, mesmo no período mais sêco, que corresponde ao inverno. É a interceptação dos ventos úmidos do litoral pela escarpa da serra do Mar, que acarreta maiores precipitações, principalmente nesta região onde a serra se acha bem próxima da costa. As chuvas são distribuídas desigualmente durante todo o ano. Ocorrem tanto no inverno quanto no verão, porém são muito mais abundantes neste período. Constituem uma região de clima fresco, modificado pela altitude, possuindo, não sòmente, invernos frescos, mas também, verões brandos, correspondendo a um clima mesotérmico, é o tipo climático cfb de KOEPPEN <sup>19</sup>.

Na baixada, na zona mais próxima da encosta da serra, temos um clima quente e úmido, também com uma estação sêca e outra chuvosa. Aqui o clima, porém, é um pouco modificado pela presença da serra do Mar, conforme pudemos observar em Iatguai. É uma zona sujeita ao efeito das chuvas de relêvo, embora com menor intensidade que no tipo climático anterior, que ocorre ao longo da escarpa da serra. É um clima bastante úmido, mas no qual as precipitações, embora abundantes, não conseguem fazer desaparecer totalmente a estação sêca. É o tipo climático Am, quente e úmido, com estação sêca pouco pronunciada <sup>20</sup>.

Na baixada pròpriamente dita, nas áreas mais afastadas da escarpa da serra temos outro tipo climático. É o correspondente ao Aw de KOCEN, o clima quente e úmido, com estação chuvosa no verão e estiagem no inverno. No outono, devido à penetração das massas frias vindas do sul, ocorrem na região precipitações relativamente abundantes e, outras, mais fracas, no inverno pròpriamente dito <sup>21</sup>. É raro um inverno inteiramente sêco, devido à influência das massas frias polares, pois, a precipitação no mês mais sêco tem quase 30 mm. É, portanto, desigual a distribuição das precipitações, na baixada. Verifica-se, também, que não há coincidência da estação chuvosa com o rigor da estação quente e, que o fator pluviosidade vai muitas vêzes amenizar a temperatura

Seguem-se alguns aspectos do clima observado no Núcleo Colonial de Santa Cruz, Secção de Piranema, situado na baixada pròpriamente dita. Êsses dados foram obtidos na estação meteorológica do Núcleo que apresenta clima quente, úmido, de influência marítima, típico de baixada, com fortes ventos onde predominam os do quadrante sul, que às vêzes atingem velocidades superiores a 30 quilômetros por hora <sup>22</sup>. A média anual das precipitações ocorridas na região é superior a 1 000 mm, sendo que o período de chuvas, vai de setembro a março, com ocorrência em janeiro-fevereiro do veranico, que tem a duração de 15 a 25 dias. É elevada a temperatura verificada na região, sendo a média da temperatura máxima 29° e a da mínima 19°.

<sup>19</sup> BERNARDES, Lísia Maria Cavalcanti — "Tipos de Clima do Estado do Rio de Janeiro"

<sup>20</sup> idem — ob cit

<sup>21</sup> idem — ob cit

<sup>22</sup> GADELHA, Valdemar — "Relatório do Departamento de Terras e Colonização" — Ministério de Agricultura

As terras dêste núcleo estão quase tôdas situadas pouco acima do nível do mar. Essa topografia notavelmente plana aliada à existência de ventos fortes e quase constantes ocasionam elevada evaporação e, conseqüentemente, ressecamento excessivo do solo, principalmente das zonas drenadas.

É aqui na baixada que os fatores climáticos, aliados à topografia, ocasionam um dos maiores problemas para as autoridades brasileiras — as inundações — problema êsse que hoje, está praticamente solucionado.

Assim, vemos que na região em estudo a diversificação climática existente é devida exclusivamente aos fatores altitude e relêvo, sendo a serra do Mar, o elemento principal nessa diferenciação, pois ocasiona tipos climáticos diversos, como também, delimita a zona climática sujeita à influência litorânea — a baixada.

### *Revestimento vegetal*

O revestimento vegetal da região reflete as condições climáticas e pedológicas da mesma.

Outrora deve ter existido grande reserva florestal nessa zona, correspondendo à floresta atlântica, que existia em tôda a orla litorânea brasileira. Vemos, porém, que o colonizador na sua ânsia de conquista e de obter lucros imediatos inicia uma intensa exploração dessas florestas — é a extração do pau-brasil e outras essências. Como conseqüência, da outrora pujante mata atlântica, apenas existem nos altos e encostas de algumas serras florestas secundárias, bastante degradadas<sup>23</sup>.

Outro tipo de vegetação encontrado são os campos que se estendem na baixada, sendo que sua ocorrência deve estar ligada à natureza do solo arenoso das planícies e, também, às inundações que eram freqüentes antes do saneamento, não permitindo o desenvolvimento da vegetação arbórea. A vegetação campestre que existia na região ocupada deve ter desaparecido, cedendo lugar às novas gramíneas introduzidas pelo homem, como o capim-gordura e outras forrageiras<sup>24</sup>.

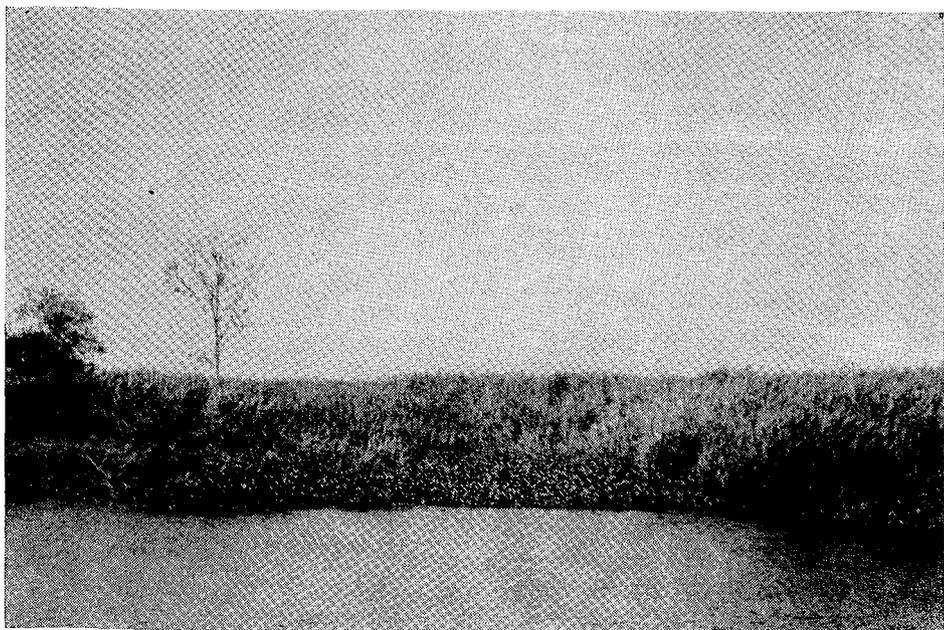
A vegetação típica da baixada está muito modificada pelas obras de saneamento, que promoveram uma circulação mais uniforme das águas dos rios que se espalhavam pelas terras baixas, sem formar um leito profundo e um álveo estreito. Em conseqüência dessa drenagem irregular a área era muito facilmente inundável, possuindo aspecto pantanoso, aí desenvolvendo-se uma vegetação higrófila, pois, a área constituía mesmo verdadeiros brejos. É a guaxima, o peri-peri, e outras, que também são encontradas nas margens inundáveis dos rios e nos próprios cursos d'água (figs. 17 e 18).

Nos estuários dos rios encontramos algumas vêzes o mangue (*Rizofora mangle*), isto até onde se faz sentir a influência das águas do mar.

<sup>23</sup> SAMPAIO, A. J. — "Fitogeografia do Brasil"

<sup>24</sup> MENDES, Renato da Silveira — "Paisagens Culturais da Baixada Fluminense", p. 30

Ainda temos que lembrar a flora psamófila das praias, com suas espécies características.



Figs 17 e 18 — Aspectos do rio Itaguaí, completamente obstruído pela vegetação aquática  
(Foto DNOS)

Todos êsses aspectos físicos dão à região em estudo fisionomia própria, condicionando os meios de vida de seus habitantes, às suas possibilidades agrícolas. Assim, ainda quanto à vegetação podem ser verificadas as duas paisagens típicas, a baixada, com o revestimento vegetal

de campos, e a serra, com suas florestas secundárias degradadas, vestígios da formação inicial. Vemos, porém, que êsses aspectos físicos não se limitam à área em estudo, encontrando-se com quase tôda a Baixada de Sepetiba.

## OCUPAÇÃO HUMANA

### *Ocupação antiga*

Foi a região onde hoje está localizada a sede do município de Itaguaí — a velha e lendária Itaguaí — uma localidade que passou por períodos de esplendor, estacionamento e decadência, apresentando-se, atualmente, em fase de soerguimento.

A ocupação humana da região é antiga e está ligada ao primitivo povoado de Santa Cruz, fundado pelos portugueses no século XVI<sup>25</sup>. Mais tarde localizaram-se os jesuítas na região iniciando a catequese do gentio. Em princípios do século XVIII, êles estabeleceram-se nas proximidades do povoado, onde surgem as primeiras construções que dariam origem à futura cidade de Itaguaí<sup>26</sup>. Formou-se um pequeno aglomerado que até o início do século XIX não evoluiu e, só passou a constituir verdadeira cidade com a introdução do café na região.

Com terras doadas e adquiridas, constituíram os jesuítas um grande latifúndio, que compreendia as planícies de Itaguaí e do Guandu e, ainda, terras na serra — a Fazenda de Santa Cruz<sup>27</sup>. Desenvolveu-se a pecuária, principal atividade econômica da fazenda, e a agricultura. Revelam-nos os historiadores que os jesuítas dividiram os seus campos de pastagem, construindo na baixada dezoito currais, onde conseguiram ter 13 000 cabeças de gado vacum, além de rebanhos de eqüinos, caprinos e lanígeros. Quanto à agricultura se dedicavam ao plantio da cana-de-açúcar, mandioca, feijão, milho, amendoim e anil.

Com área de quase 1 800 quilômetros quadrados contava a Fazenda de Santa Cruz com dois engenhos de açúcar, uma olaria, fornos de cal, oficinas, casas de farinha, armazém e pescarias. A principal preocupação, porém, era a criação de gado bovino que se destinava em sua maior parte ao consumo da cidade do Rio de Janeiro.

Foi notável o trabalho que os padres jesuítas aí fizeram para tornar essas terras pantanosas e improdutivas em glebas saudáveis, que lhes

<sup>25</sup> PIZARRO em suas "Memórias Históricas do Rio de Janeiro" nos diz que a colonização nas terras de Itaguaí, começou na época em que os silvícolas da ilha de Jaguaramenon ataiídos pelo governador MARTIM DE SÁ, foram transferidos para outra ilha situada mais para o sul e conhecida pela denominação de Piaçavera, hoje, Itacuruçá Dai, mais tarde êsses silvícolas localizaram-se nas terras compreendidas entre os rios Tiguaçu e Itaguaí, a cujas terras chamaram de Y-tinga

<sup>26</sup> Como se observa de modo geral os povoados surgiram em tórno de um templo, como aconteceu aqui — em tórno da igreja de São Francisco Xavier, é que surge o pequeno aglomerado que daria origem a Itaguaí

<sup>27</sup> Havia em Santa Cruz, nos tempos de PIZARRO, 124 fogos e 3 300 adultos e em Itaguaí 118 fogos e 1 000 almas, podendo-se, portanto, admitir uma população de 10 000 habitantes nos domínios dos jesuítas

dessem recursos para a sua obra de catequização. Sem dúvida, foi interessante o trabalho de engenharia hidráulica realizado para o saneamento da região foram abertas inúmeras valas de drenagem e irrigação, foi feito o desvio de parte das águas do Guandu para o Itaguaí, foram construídas pontes e diques de proteção para os pastos

Em tôdas as suas atividades utilizaram, sempre, os inacianos o gentio catequisado e o braço do negro escravo, elementos que muito os auxiliaram e que possibilitaram o desenvolvimento da Fazenda de Santa Cruz.

Em meados do século XVIII, pouco antes da expulsão dos jesuítas, a Fazenda de Santa Cruz tinha transformado a sua economia. A principal atividade passara a ser a produção de açúcar, desenvolvendo-se na fazenda a cultura da cana-de-açúcar, que encontrara solos propícios. Incremento, êsse, que se deve ao fato de ser o açúcar, naquela época, produto muito cotado no comércio externo

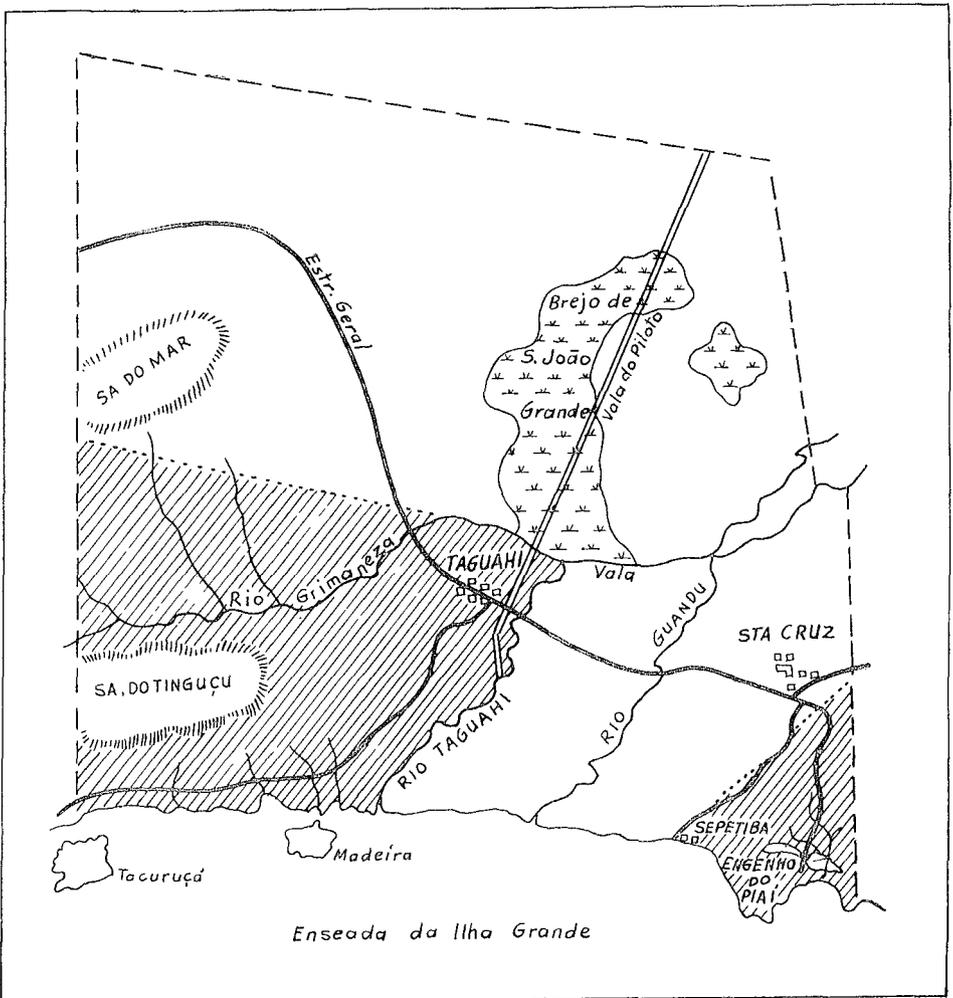


Fig. 19 — Seção meridional da Fazenda de Santa Cruz, segundo manuscrito anônimo da mapoteca do Instituto Histórico, vendo-se as áreas dos dois engenhos Mapa extraído de "Pilares Açucareiros da Fazenda de Santa Cruz" de AFONSO VARZEA

Estavam os jesuítas pensando em ampliar suas atividades saneadoras para o brejo de São João Grande, situado ao norte do aldeamento de Itaguaí, visando à recuperação dessa área grandemente alagada, quando foram expulsos das terras brasileiras.

Passam os seus domínios para o Patrimônio Real, entrando a região em decadência, devido ao abandono em que ficou. Sômente, em fins do século XVIII cogita-se da recuperação da Fazenda Real de Santa Cruz<sup>28</sup>. É a intensificação, novamente, da cultura canavieira, desenvolvendo-se, também, a cultura de gêneros alimentícios, principalmente, a mandioca. Reiniciam a criação de gado, refazendo os currais e adquirindo cabeças de gado.

Surgem dois engenhos de açúcar na Fazenda de Santa Cruz — o do Piaí e o do sítio do Facão, também conhecido como Engenho de Itaguaí<sup>29</sup> (fig. 19). Ainda, hoje, está de pé o arcabouço do Engenho de Itaguaí, notável iniciativa para aquela época. Era êsse engenho movido a água por meio de dois ternos de moendas, pois, foi feita a canalização do rio que lhe deu o nome, aproveitando-se a margem direita do mesmo para mover as moendas (fig. 20).

Além da produção do açúcar de exportação produzia o engenho, açúcar mascavo e aguardente. Era o açúcar mascavo destinado ao consumo local e a aguardente utilizada, principalmente, no tráfico de esca-

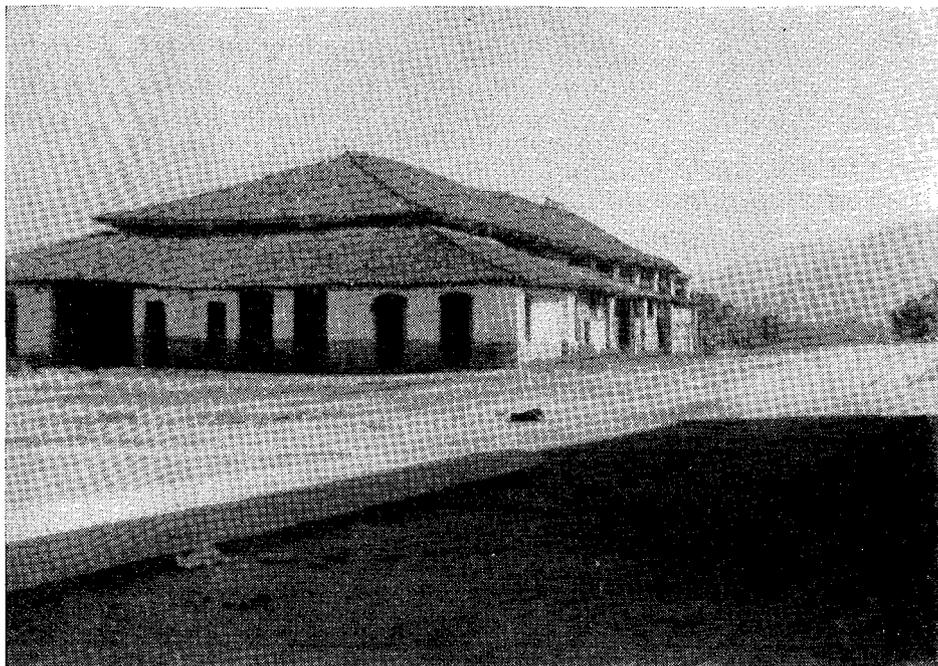


Fig 20 — O velho engenho de açúcar de Itaguaí, que data de 1794, construído pelo coronel Cousto REIS, na Fazenda de Santa Cruz

(Foto do autor)

<sup>28</sup> É no govêrno do vice-rei LUÍS DE VASCONCELOS E SOUSA que se cogita da recuperação econômica dessa região. Continua o seu sucessor, o conde de RESEN4E, essa iniciativa, mandando construir engenhos e iniciando a cultura cafeeira na serra.

<sup>29</sup> Examinando e reproduzindo um dos manuscritos existentes na mapoteca da Biblioteca Nacional sôbre êsses engenhos, mostra-nos AFONSO VÁRZA as áreas da Fazenda de Santa Cruz, que foram demarcadas com terras dos dois engenhos construídos por Cousto REIS.

vos. Isto porque era esta região uma zona de passagem das tropas e das levadas de escravos que se dirigiam às Minas Gerais e para São Paulo

Assim, em fins do século XVIII o engenho de Itaguaí torna-se o principal fator econômico da região, como nos mostra o rendimento da Fazenda de Santa Cruz que atingia aproximadamente 100 a 80 mil cruzados por ano <sup>30</sup>. A produção dos dois engenhos é que contribuía com a maior parte do rendimento, seguida das lavouras de arroz, café e, finalmente, a criação de gado. A pecuária nessa época estava em declínio na região, devido à maior valorização, na ocasião, da lavoura canavieira e da cafeeira.

Trouxe a cana-de-açúcar grande valorização dessas terras, pois, a propriedade que no tempo do vice-rei LUÍS DE VASCONCELOS E SOUSA fôra avaliada em 177·227\$070, com a construção dos dois engenhos ficou no tempo de RESENDE com valor de 1 000 000\$000 <sup>31</sup>. Foi o engenho de Itaguaí avaliado em 55 contos de réis e o do Piaí, em 14 contos de réis. Em princípios do século passado o valor da produção dessa região montava a 115 377\$880, somando-se àquilo que dava o Facão a produção de seu bem menor congêneres, o Piaí <sup>32</sup>.

Os engenhos “são em regra autônomos no que diz respeito à subsistência alimentar daqueles que nêles habitam. Praticam aí culturas alimentares necessárias a êste fim ou, nos mesmos terrenos dedicados à cultura principal, como a mandioca nos canaviais, ou em parte destinada especialmente a elas” <sup>33</sup>

Assim, nas terras dos engenhos, além dos canaviais, eram reservadas áreas para as pastagens e para as culturas alimentares destinadas ao pessoal da Fazenda — o arroz, o feijão, a mandioca e o milho. A farinha de mandioca tinha certa predominância, pois sendo esta uma zona de passagem de levadas de escravos, a mesma era um produto básico da alimentação dêstes. O milho era também produto de grande consumo, destinado à alimentação das tropas, que passavam na região

O excesso dessa produção era exportado, além das caixas de açúcar, para o Rio de Janeiro <sup>34</sup>. Êsses produtos eram embarcados no Pôrto do Casado, naturalmente aparelhado com um trapiche, que deu origem ao canal do Trapiche, que é o antigo rio Aldeia. Também pelo atual canal de São Francisco desciam, antigamente, mercadorias do Moigado do Marapicu, indo desaguar no rio Itaguaí, que era percorrido por inúmeros barcos que faziam o transporte dos produtos desde o “Pôrto das Lanchas” para a “Praia Suja”, de onde partiam para o Rio <sup>35</sup>

<sup>30</sup> Conforme relatório de COUTO REIS, in “O Engenho de Itaguaí” de AFONSO VÁRZEA, p. 89

<sup>31</sup> VÁRZEA, Afonso — “O Engenho de Itaguaí”, p. 90

<sup>32</sup> VÁRZEA, Afonso — “Pilares Açucareiros da Fazenda de Santa Cruz”, p. 274

<sup>33</sup> CAIO PRADO JÚNIOR — “História Econômica do Brasil”, pp. 151, 152

<sup>34</sup> ANTONIL nos mostra em sua obra “Cultura e Opulência do Brasil” como se processava êsse transporte para Portugal

Diz-nos êle — que pronto o açúcar e pôsto em caixas de madeira, nos engenhos situados à beira-mar, eram estas levadas ao pôrto em carrêtas. Dos engenhos de terra a dentro vinham em carros, “com três ou quatro juntas de bois, conforme as lamas que hão de vencer”. Prossegue ANTONIL — “no barco se hão de arumar as caixas muito bem para que vão seguras, nem se metam mais, antes menos, das que o barco pode receber e levar; e seja forte, e bem velejado, e com arrais prático das covas e das pedras, e com marinheiros não aturdizados de aguarde, sainda com bom tempo e maré” “E com isto temos levado o açúcar do canavial, aonde nasce, até os portos do Brasil, donde navega para Portugal, para se repartir por muitas cidades da Europa”

<sup>35</sup> MAGALHÃES CORREIA — “A Malgemo do Seitão Carioca”, “Correio da Manhã” 4-6-39

É interessante o papel desempenhado pelos rios durante o período canavieiro, pois, constituíam as principais vias de comunicação, e possibilitavam um escoamento rápido da produção<sup>36</sup>. Além disso êles faziam a comunicação entre as várias fazendas canavieiras e os pequenos povoados existentes. É esta região favorecida pela existência de vários rios que permitiram naquela época um rápido escoamento da produção e pela proximidade do mar, sendo localizados os portos de embarque não muito longe da costa.

Os transportes terrestres, constituem meios complementares na região e estavam ligados aos rios. Eram caminhos rudimentares, por onde as tropas e os carros de bois transitavam levando as produções dos engenhos para o pôrto de embarque.

Êsses rios, juntamente com êsses pequenos portos de embarque, importantes para aquela época, perdem sua função com o advento da estrada de ferro, que ocasionou a decadência e desaparecimento dos portos.

A introdução do café em fins do século XVIII trouxe certa mudança na economia da região, embora não tenha dominado a cultura canavieira<sup>37</sup>. Em meados dêsse século era ainda bem insignificante o plantio do café nas terras fluminenses<sup>38</sup>. Sendo bem possível, segundo TAUNAY, que as pequenas lavouras cafeeiras do oeste fluminense tenham tido origem por volta de 1785.

Na região da Fazenda de Santa Cruz, as primeiras mudas de café foram plantadas sob o incentivo do conde de RESENDE, existindo em fins do século XVIII no sítio da Serra, 20 000 pés de café. Em princípios do século XIX um holandês chamado DUFFLES tinha plantações, bem consideráveis, de café perto de Itaguaí.

O plantio do café teve suas origens na própria cidade do Rio de Janeiro, alcançando a serra do Mendanha, de onde partiram as mudas que atingiram a baixada, onde é rápida a passagem cafeeira, logo dominando a encosta da serra, *habitat* mais favorável ao seu desenvolvimento.

O café na região não atingiu o mesmo valor econômico que a cultura canavieira, não conseguindo igualá-la, apesar de esta, no século XIX, apresentar-se decadente e não ser economicamente rendosa. Nessa época a cotação do nosso açúcar no mercado estrangeiro decaíra devido

<sup>36</sup> ANTÓNIL em sua obra "Cultura e Opulência do Brasil" nos mostra bem como se processavam os transportes entre os engenhos e os pontos de embarque, como o mesmo fazia por terra e por mar. Iniciando pela condução da cana, das plantações aos engenhos nos diz êle "por terra faz-se nos cairos e "por mar vem nas barcas sem vela, com quatro varas, que seivem em lugar de remos nas mãos de outros marinheiros, e o arrais, que vai ao leme: e para isso há mister duas barcas capazes, como as que chamam rodeiras"

<sup>37</sup> Como nos mostra AFONSO VÁRZEA ao analisar o relatório de COUTO REIS em "O Engenho de Itaguaí", p. 90

<sup>38</sup> LAMEGO em "Os Engenhos de Açúcar nos Recôncavos do Rio de Janeiro, em Fins de Século XVIII" — dá para o distrito de Guaratiba, onde ficava a freguesia de Itaguaí, a existência de 57 engenhos, baseado num mapa executado pelo sargento-mor MANUEL VIEIRA DE LEÃO em 1767, por ordem do conde da CUNHA

Ainda, segundo MATOSO MAIA FORTE em "Memória da Fundação de Itaguaí" a produção de Guaratiba nessa época era de 51 856 arriôbas de açúcar, 1 561 pipas de aguardente, além de outros produtos, tendo nessa época o distrito produzido 615 arriôbas de café

à concorrência das possessões de outras nações, que tinham atingido aperfeiçoamento técnico na sua produção não acompanhado pelo Brasil.

Houve tentativa de recuperação de antigas fazendas canavieiras com o plantio de cafêzais, que não deram muito resultado, possivelmente, devido ao esgotamento do solo.

Embora o café não tenha contribuído para grande desenvolvimento econômico da região, sua passagem por essa área acarretou relativo progresso do povoado de Itaguaí, que concentrava a produção de áreas vizinhas. Sendo esta região ponto de passagem de tropas que demandavam o interior do país, isto é, a Minas Gerais e a São Paulo ou, que daí se dirigiam para o Rio de Janeiro, não deixou esta região de usufruir das vantagens de ponto de passagem entre o litoral e o planalto.

Antes dessa estrada terrestre que ligava o Rio a São Paulo e passava por Itaguaí e São João Marcos, era de Parati que se atingia o alto vale do Paraíba em direção às Minas Gerais — “velho caminho” dos Goianás. Com essa nova estrada <sup>39</sup> faz-se a ligação há muito desejada de duas áreas, a do planalto e a litorânea fluminense. Era um caminho perigoso; péssimo, com grandes rodeios e atoleiros. “Inconcebíveis asperezas têm de ser galgadas na travessia do último cordão serrano que conduz a Itaguaí e às planícies de Santa Cruz. Mas esta estrada é continuamente agitada pelas tropas de café e pelas sucessivas levadas de negros que sobem para o planalto” <sup>40</sup>.

Por essa região transitavam não somente o café aí produzido, mas, principalmente, a produção cafeeira do vale do Paraíba, ao qual estava ligado por esse caminho. Assim é que Itaguaí de simples aldeia indígena, sob o período cafeeiro se transforma numa progressista vila. Era o ponto de passagem das tropas de café que demandavam o Rio de Janeiro <sup>41</sup>. Mais tarde, torna-se Itaguaí importante centro comercial de café, existindo aí um registro. A produção cafeeira das áreas vizinhas era concentrada nesta vila e aí negociada pelos comerciantes e, depois exportada por via marítima para o Rio de Janeiro.

Em 1822, SAINT-HILAIRE <sup>42</sup> quando de passagem pela região ainda encontra os vestígios da primitiva aldeia jesuítica “estando os seus antigos habitantes sujeitos à administração e ao comércio da gente branca”. Diz-nos êle: “alguns brancos construíram casas à beira do caminho. Ali estabeleceram vendas e lojas, colocou-se um pelourinho no meio de arbustos que cobrem o terreno entre a estrada e a aldeia de Itaguaí, transformou-se em vila”. Previu SAINT-HILAIRE a transformação da aldeia para vila, daquele pequeno núcleo de casas, sob a influência de um fator econômico externo — o café.

<sup>39</sup> A abertura dessa estrada foi decidida pela ordem régia de 1728, sendo iniciada por Luís VAIA MONTEIRO, governador do Rio de Janeiro

<sup>40</sup> LAMEGO, Alberto Ribeiro -- “O Homem e a Seria”, p. 82

<sup>41</sup> Contesta LAMEGO in “O Homem e a Guanabara”, p. 172 — dizendo que não é exato que todo o volume do café “das províncias” fôsse transportado por terra para o Rio de Janeiro. A maior tonelagem, diz êle, descia para os portos do golfo angriense até a construção da Estrada de Ferro Pedro II

<sup>42</sup> SAINT-HILAIRE “Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo (1822)”, p. 230

Começa Itaguaí a desenvolver-se, a criar vida de cidade, como nos mostra CARL SEIDLER<sup>43</sup>, dizendo de sua importância como concentradora do produto cafeeiro, que aí era negociado e depois remetido para o Rio de Janeiro através da via marítima; como ponto de abastecimento dos mineiros, que aí vinham comprar as mercadorias de que necessitavam sendo, por isso, bastante intenso o seu comércio naquela época.

Com a expansão da marcha cafeeira para o planalto paulista e a construção do ramal de São Paulo, da EFCEB, que atingiu a capital paulista em 1875, desviando dessa maneira a produção do vale do Paraíba para aquela cidade, a vila de Itaguaí sofre grande abalo econômico.

Assim, Itaguaí, que se mantivera como ponto de passagem dos viajantes e das tropas que do Rio de Janeiro demandavam Minas e São Paulo e, se expandira sob a influência cafeeira, regride. O mato invade suas ruas desertas e penetra pelas fendas das paredes e dos telhados das casas, — tudo é abandono e ruínas<sup>44</sup>.

Essa decadência que se refletiu em toda a baixada perdurou durante algum tempo. Assim, quando se percorria a região pela estrada de ferro — ramal de Mangaratiba (EFCEB), que atingiu Itaguaí em 1910, sem trazer grandes progressos para a área — é que se percebia a presença do homem, revelada por habitações que só eram observadas após vários quilômetros de áreas incultas. O declínio econômico da Baixada de Sepetiba foi acompanhado do despovoamento das zonas campestres e, toda a região outrora tão próspera entrou em decadência. Ressurgiram os pântanos, os rios tiveram seus cursos obstruídos e a malária se apossou da região que se transformou num ambiente desfavorável ao homem.

Foi tão lastimável esse abandono que dificilmente se percebia que outrora aí havia existido uma intensa vida rural, quase nenhum traço revelava a ação do homem — tudo era desolação. Restando, apenas, como sobrevivência dessa antiga paisagem rural e de uma economia importante — o engenho — testemunha de uma atividade que não mais existia.

## OCUPAÇÃO MODERNA

### *O saneamento*

Foi sem dúvida, o saneamento, o fator principal da recuperação econômica dessa área, que durante muitos anos permaneceu abandonada. Esse soerguimento deve-se principalmente à existência de um mercado consumidor bem próximo, — a cidade do Rio de Janeiro.

Sua recuperação é recente, e foi feita pelo governo federal, na impossibilidade de o estado do Rio de Janeiro proceder ao saneamento dessas grandes áreas pantanosas por falta de numerário. O que levou o

<sup>43</sup> SEIDLER, Carl — "Dez Anos no Brasil", p. 59

<sup>44</sup> CORREIA, Magalhães — "À Margem do Sertão Carioca" in "Correio da Manhã" de 4-6-1939.

governo a dedicar-se à recuperação dessas áreas situadas próximas da Capital Federal, foram as possibilidades agrícolas que elas apresentavam, surgindo como possíveis abastecedoras da cidade do Rio de Janeiro.

Com esse objetivo é criada, em 1933, a “Comissão de Saneamento da Baixada Fluminense”, cujos trabalhos iniciais consistiram num estudo metuculoso de todos os aspectos físicos da Baixada e as suas possibilidades econômicas. Antes dessa comissão, que foi criada visando a apurar os insucessos dos trabalhos na Baixada, existiram várias comissões cujos estudos limitaram-se a serviços topográficos, assim mesmo insuficientes, pois, no que se refere à Baixada de Sepetiba, não constava dos seus trabalhos nenhuma planta completa dos rios Guandu e Itaguaí. Essas comissões anteriores fizeram apenas serviços isolados na Baixada de Sepetiba, como desobstrução dos rios, retificação e dragagem de parte dos cursos d’água, construíram algumas pontes, etc.

Essa nova comissão mostrou a necessidade de os trabalhos de saneamento serem feitos em conjunto, pois os alagamentos verificados eram resultantes de vários fatores físicos que se entrosavam, tais como a estrutura e o relêvo da região, o clima e o revestimento vegetal e que tinham de ser estudados em conjunto, não podendo os problemas ser solucionados com trabalhos parciais, mas, sim de âmbito geral, conforme, os seus planos para resolução desse problema.

É, assim, criada a Diretoria de Saneamento da Baixada Fluminense, para a execução das obras planejadas, que no ano de 1940, teve ampliada a sua área de ação para todo o território nacional, constituindo-se em “Departamento Nacional de Obras e Saneamento”. Iniciando suas atividades na região o DNOS começou por limpar e desobstruir os cursos d’água. Vários rios tiveram seus leitos regularizados mediante a dragagem e abertura de canais e construção de diques marginais. Para proteger a vasta planura das inundações do rio Guandu, o DNOS utilizou-se dos extensos canais, do Itá e de São Francisco, que tinham sido outrora abertos pelos inacionos. Entretanto, como os mesmos eram insuficientes para o rápido escoamento das águas durante as grandes cheias, foi o canal de São Francisco transformado em principal escoadouro das águas. Foram construídos vertedouros que conduziam os excessos das enchentes para o Itaguaí. Ao longo do canal de São Francisco e do Guandu-Açu foram construídos diques com eixos distantes de 300 metros e com um coroamento a um metro acima da maior enchente prevista, alargando-se deste modo o leito maior do último desses rios e impedindo-o de extravasar durante as maiores cheias. Para regular a passagem das águas para os canais Itá e Guandu e, assim, manter regular a descarga do Guandu-Açu, foi construída na confluência desses canais com o São Francisco uma barragem de concreto provida de comportas. A esta rede entrosa-se um sistema de canais menores, como o Guandu-Mirim, Goiba, Água Branca, Cação-Vermelho, e outros <sup>15</sup>

Foi, assim, estabelecido o equilíbrio hidráulico dos rios que encharcavam a Baixada de Sepetiba, e toda uma região bem próxima do Rio

<sup>15</sup> Relatório do Departamento Nacional de Obras e Saneamento

de Janeiro foi posta à disposição das atividades humanas. Foram, também, realizadas outras obras complementares, tais como, a abertura de estradas de rodagem, construção e reconstrução de viadutos, pontes e pontilhões de ferrovias e rodovias. Juntamente com os grandes trabalhos de saneamento procedeu-se, também, por intermédio do Ministério da Educação e Saúde, à pequena drenagem e à profilaxia e tratamento da malária.

Transforma-se, assim, a região, extinguindo-se os antigos pântanos, sendo controlados os cursos d'água que se espraiavam durante a época das chuvas ou se perdiam em meandros. É a recuperação de terras, outrora, inteiramente inúteis que se transformaram em zonas de pastagem ou de cultura, pois, nos planos de saneamento também constava a imediata colonização dessas áreas reconquistadas aos pântanos. Essa medida de estabelecimento do homem nessas áreas tem sido feita pela Divisão de Terras e Colonização, hoje em dia, Departamento Nacional de Imigração e Colonização, afeito ao Ministério da Agricultura. A paisagem da planície de Santa Cruz foi, então, profundamente modificada.

A grande área, atualmente ocupada pelo Núcleo Colonial de Santa Cruz, Seção de Piranema, foi outrora região de grandes brejos e lagoas, sendo exaguada pela construção dos canais Piranema e Pilôto, foi realizado o serviço de drenagem para saneamento da região afim de não serem os colonos da mesma prejudicados pelas enchentes, como se verificou há bem pouco tempo (fig 21) Hoje, está esse Núcleo com suas ter-

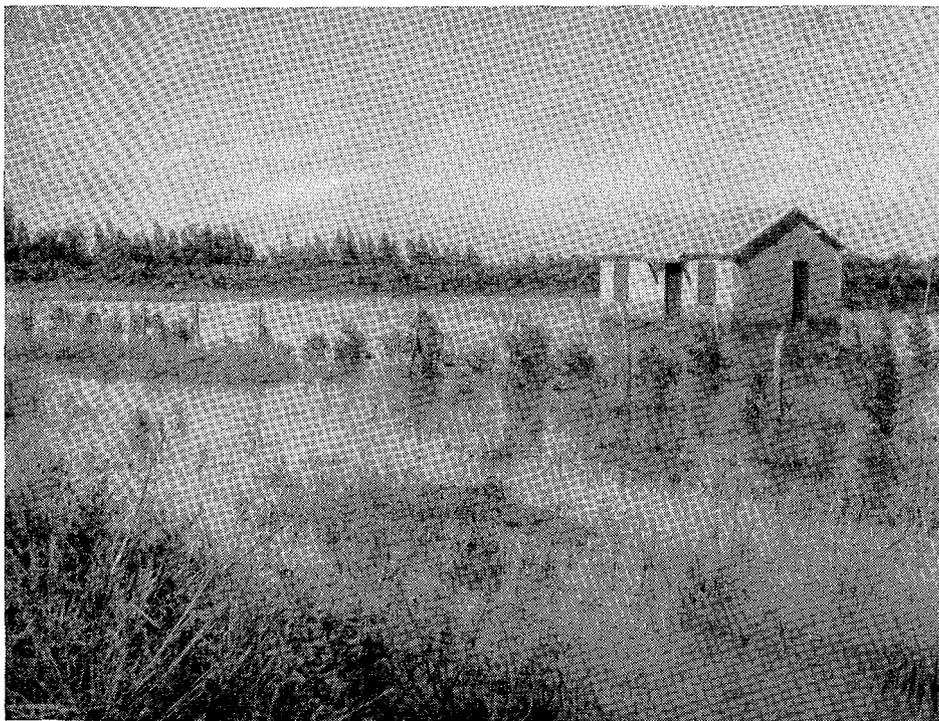


Fig 21 — Transbordamento do rio Itaguaí, atingindo a zona do Núcleo de Piranema, ocorrido em março de 1947. Ver a marca da máxima enchente, na altura da janela.

(Foto DNOS)

ras quase inteiramente enxutas, o que trouxe maior valorização e permitiu produção mais intensa. Um dos maiores problemas desse Núcleo é o canal do Fernando, pertencente à bacia do Itaguaí, e aí localizado, pois tem que ser constantemente redragado e escavado pelo DNOS, a fim de não constituir empecilho ao desenvolvimento de grande número de lotes dessa região.

A parte litorânea da região também tem merecido estudos por parte do DNOS, pois, com a nova estrada de rodagem Rio-São Paulo-Mangaratiba, está a mesma se desenvolvendo. Era uma região sujeita a inundações tendo sido feita a drenagem dessa área, que constitui zona agrícola e de veraneio, atestado pelo crescente número de construções que aí se erguem para "week-end" devido à sua proximidade do mar.

Assim, aos poucos, graças aos trabalhos constantemente realizados pelo DNOS, apesar das inúmeras dificuldades encontradas, tem sido possível a recuperação econômica dessa vasta área, que tende a um maior desenvolvimento tendo como base a agricultura.

### ATIVIDADES AGRÍCOLAS

Saneada a região pôde o homem reconquistar essas antigas áreas abandonadas, iniciando suas atividades agrícolas, porém, bem diferentes daquelas que existiram. É o desenvolvimento das hortas, a intensificação dos pomares e a volta ao pastoreio.

Essa reconquista da região iniciou-se a partir de 1940, o que pode ser verificado pelos dados estatísticos que nos mostram um aumento de sua população (fig. 22), devido aos contingentes imigratórios, que se têm localizado no município — japoneses e, mais recentemente, alemães.

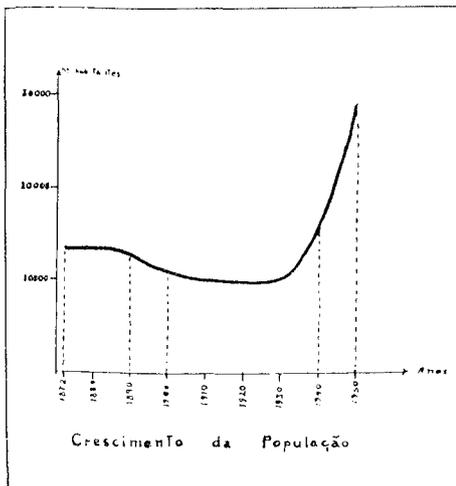


Fig. 22

Da mesma maneira observa-se uma predominância da população rural sobre a citadina, como verificamos no distrito de Itaguaí, sede do município, cuja população total é de 9 830 habitantes, destes 6 907 localizados nas áreas rurais, conforme nos mostra o censo de 1950. Esse fato se repete em todos os outros distritos da unidade. Há, portanto, predominância rural que nos é revelada pelo pequeno número de núcleos urbanos existentes no município.

Essa predominância rural foi em parte facilitada pelo fator geográfico — a planície, que ocupando área bem considerável, encaminhou a atividade do colono para a agricultura e a pecuária. Embora, a criação de gado seja atividade ainda impor-

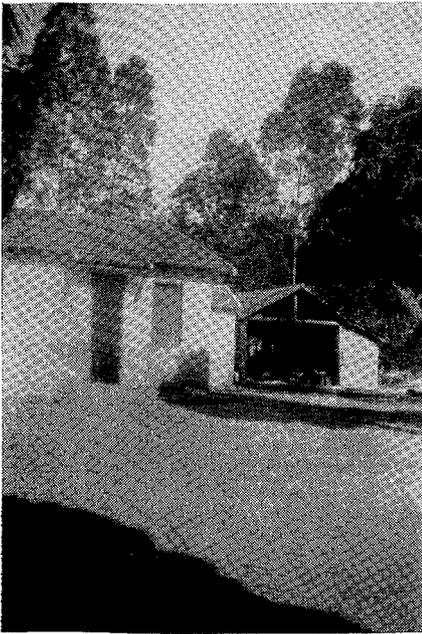


Fig. 23 — Habitação típica do Núcleo de Piranema, construída pelo Ministério da Agricultura  
(Foto do Autor)

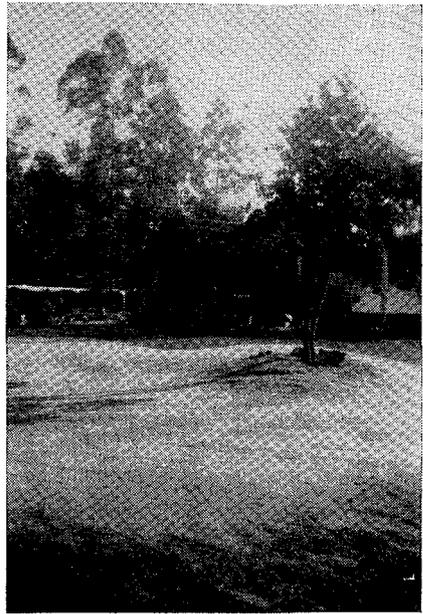


Fig 24 — Aspecto dos fundos da casa de um colono nacional

(Foto do Autor)



Fig 25 — Aspecto do "forno" existente na casa de um colono brasileiro, avistando-se sua esposa que o ajuda na faina agrícola

(Foto do Autor)

tante, notamos, de modo geral, maior desenvolvimento agrícola nas áreas por nós percorridas — na baixada e na encosta da serra.

A agricultura está se tornando a principal atividade da região, em virtude do crescente mercado consumidor, que é a Capital Federal. O governo federal tem tentado estimular essa produção agrícola, através de núcleos agrícolas. É o parcelamento e a venda a prazo de lotes de 10 hectares, com habitações — Núcleo Colonial de Santa Cruz (figs. 23 24 e 25). Dêste núcleo que está dividido em secções, a que nos interessa é a Secção de Piranema, situada em terras do município, ainda sob o contrôlo do Ministério da Agricultura, que mantém agrônomos para orientar e auxiliar os colonos aí residentes (fig 26).

O principal produto da região é a banana, produto agrícola muito valorizado, ocupando suas lavouras a maior área da região, como ocorre no distrito de Itaguaí. Outros produtos destacam-se, porém, são as cultu-

ras temporárias — arroz, tomate, milho, feijão e outros. Temos, também, os laranjais que juntamente com os bananais, constituem as culturas permanentes encontradas no município em estudo.

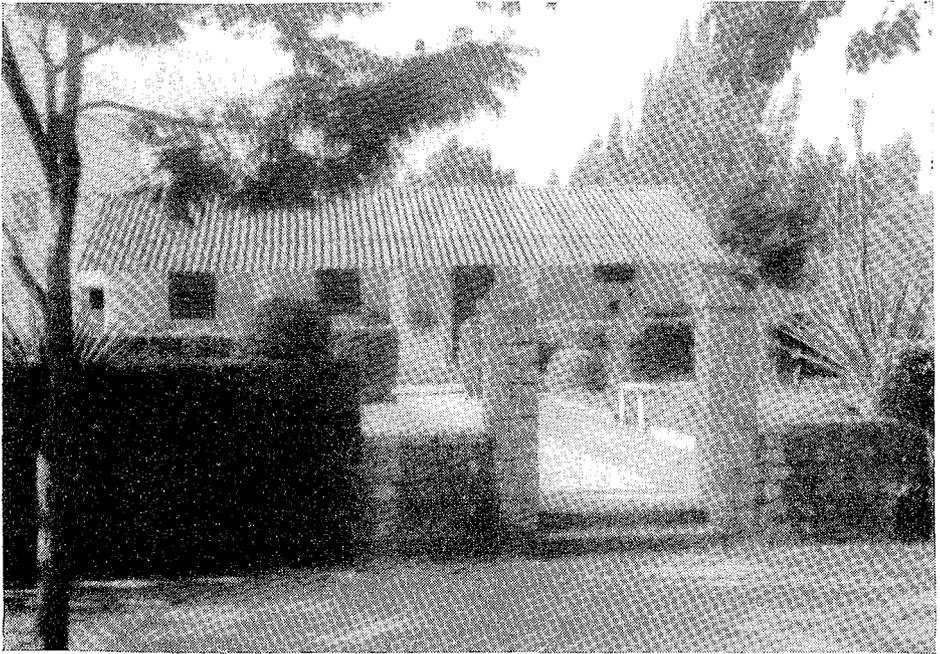


Fig. 26 — Sede da Secção de Piranema — Núcleo Colonial de Santa Cruz  
(Foto do Autor)

### QUADRO N° 1

*Produtos Agrícolas* — dados do M. da Agricultura do Estado do Rio

| CULTURAS TEMPORÁRIAS | Unidade     | 1945    | 1946    | 1947      | 1948      | 1949      | 1950      |
|----------------------|-------------|---------|---------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Tomates              | quilo       | 640 000 | 900 000 | 1 100 000 | 10 500    | 850       | 1 080 000 |
| Arroz em casca       | saca (60 k) | —       | —       | —         | 3 200     | 5 000     | 10 500    |
| Milho                | »           | 3 500   | 1 080   | 1 500     | 5 550     | 4 250     | 1 850     |
| Feijão               | »           | 750     | 1 320   | 1 350     | 1 700     | 2 225     | 2 700     |
| Mandioca             | ton         | 60      | 800     | 1 200     | 1 370     | 1 350     | 1 280     |
| Batata-doce          | »           | 80      | 180     | 180       | 175       | 120       | 110       |
| Batata inglesa       | saca (60 k) | 3 000   | 7 200   | 200       | 80        | 10        | —         |
| Culturas permanentes |             |         |         |           |           |           |           |
| Banana               | cacho       | 667 280 | 993 940 | 1 060 000 | 1 520 000 | 2 800 000 | 3 300 000 |
| Laranja              | cento       | 80 000  | 106 000 | 94 400    | 117 600   | 170 000   | 70 000    |

Foram utilizados dados gerais do município, em virtude de não ser possível obtê-los separados sobre o distrito de Itaguá; entretanto, a maior área agrícola corresponde à região em estudo, daí utilizarmos os dados totais.

Há grande incentivo para o desenvolvimento da fruticultura em Piranema, principalmente, da laranja, devido à procura desse produto.

São bem consideráveis os pomares de laranja em início, destinados ao consumo interno — é o tipo lima, com grandes possibilidades de lucro satisfatório (fig. 27). Enquanto espera o crescimento do seu pomar, o colono cultiva em outras áreas, produtos de lucro imediato — como o quiabo, o maxixe, o jiló, para se manter economicamente (fig. 28).

A cultura do mamoeiro vem tendo grande incentivo, principalmente nas propriedades de colonos alemães, nas proximidades de Itaguaí, produto destinado ao Rio. É interessante, também, o incremento, em lotes do Núcleo de Piranema, do plantio do coqueiro anão (fig. 29)

Constitui, entretanto, a banana o principal produto desta região, tanto nas encostas, quanto na baixada. Aumenta cada vez mais o seu plantio, pois, é o produto mais valorizado em virtude do seu alto valor alcançado no comércio. Há na área em estudo tendência para o predomínio da sua monocultura (Quadro n<sup>o</sup> 2). Enquanto, na baixada encontramos a banana d'água, na encosta temos o cultivo da prata, conforme observamos nas vizinhanças de Itaguaí. No Núcleo de Piranema a sua cultura é, geralmente, feita em lotes de colonos nacionais. Constitui, exceção, a propriedade de um colono japonês, que possui o seu lote coberto de bananais. Ambas se destinam ao mercado do Rio de Janeiro, e o preço alcançado pelo produto é em média de Cr\$ 200,00 a dúzia de cachos.

| ANO  | Área cultivada (ha) | Quantidade produzida<br>(1 000 cachos) | Valor (Cr\$ 1 000) |
|------|---------------------|--|--------------------|
| 1948 | 608                 | 1 520                                  | 10 640             |
| 1949 | 976                 | 2 800                                  | 19 600             |
| 1950 | 1 776               | 3 300                                  | 26 400             |
| 1951 | 1 776               | 3 300                                  | 26 400             |
| 1952 | 3 200               | 2 000                                  | 38 160             |

É o tomate, depois da banana, o produto mais cotado nesta região, atingindo cifras bem satisfatórias para os colonos. Sua exploração é feita, principalmente, pelos japoneses que empregam no seu cultivo técnicas modernas — o uso do adubo orgânico e do químico e o emprêgo de tratores, a fim de obter um máximo rendimento (Quadro n<sup>o</sup> 3). Costumam êsses agricultores fazer arrendamento de lotes para êsse plantio, como ocorre nas proximidades de Itaguaí. Isso se tem verificado, ultimamente e, sendo o prazo de arrendamento, em geral, de três anos, findos os quais o colono japonês procura outras terras não esgotadas. Sendo o tomate uma cultura, cujo ciclo vegetativo dura poucos meses, de 4 a 5 meses, e como é plantado apenas uma vez por ano, no intervalo dêsse período cultivam. pepino, berinjela, pimentão e outros produtos.

## QUADRO N.º 3

*Produção de tomates*

| ANO  | Área cultivada<br>(ha) | Quantidade produzida<br>(Tonelada) | Valor<br>(Cr\$ 1 000) |
|------|------------------------|------------------------------------|-----------------------|
| 1948 | 105                    | 10                                 | 32                    |
| 1949 | 85                     | 850                                | 1 700                 |
| 1950 | 90                     | 1 080                              | 4 320                 |
| 1951 | 90                     | 1 680                              | 4 032                 |
| 1952 | 105                    | 1 960                              | 9 212                 |

Outra cultura importante nesta área é o arroz, cultivado quase sempre por japoneses, que preferem os lotes situados nas partes inundáveis da baixada, como se verifica em Piranema. Há também, o arrendamento das terras para a cultura do arroz, sendo êste de irrigação (Quadro n.º 4) Existe no Núcleo de Piranema uma máquina de beneficiar arroz (fig. 30), em funcionamento desde 1951, que em média beneficia 35 sacas de 60 quilos por dia, numa razão de Cr\$ 12,00 cada saca. Beneficia, não somente, as safras de arroz dos colonos do núcleo, mas também, as dos agricultores de Itaguaí.

## QUADRO N.º 4

*Produção de arroz com casca*

| ANO  | Área cultivada<br>(ha) | Quantidade produzida<br>(Tonelada) | Valor<br>(Cr\$ 1 000) |
|------|------------------------|------------------------------------|-----------------------|
| 1948 | 80                     | 192                                | 480                   |
| 1949 | 300                    | 540                                | 1 350                 |
| 1950 | 350                    | 630                                | 1 680                 |
| 1951 | 300                    | 540                                | 1 440                 |
| 1952 | 340                    | 612                                | 1 632                 |

Seguem-se as culturas de milho e feijão. Os outros produtos não têm grande significação na região.

Quanto às práticas agrícolas existentes neste município observamos que para as lavouras de gêneros alimentícios alguns agricultores não costumam fazer rotação de culturas, plantando durante três ou cinco anos o mesmo produto. Outros, mantêm o terreno em cultivo durante maior número de anos, fazendo rotação dos seguintes produtos: milho e feijão, seguido de mandioca ou de batata-doce e abóbora; em seguida, o terreno é deixado em pasto, caso o colono possua gado. É interessante destacar que quando se trata de terra, que já produziu duas safras de arroz, é posta em descanso, às vészes, transformada em pasto.

O tempo que a terra fica em repouso varia muito, no dizer dos colonos com a "fôrça da terra". As terras mais férteis só têm descanso quando se verifica uma queda muito grande da produção. Costumam

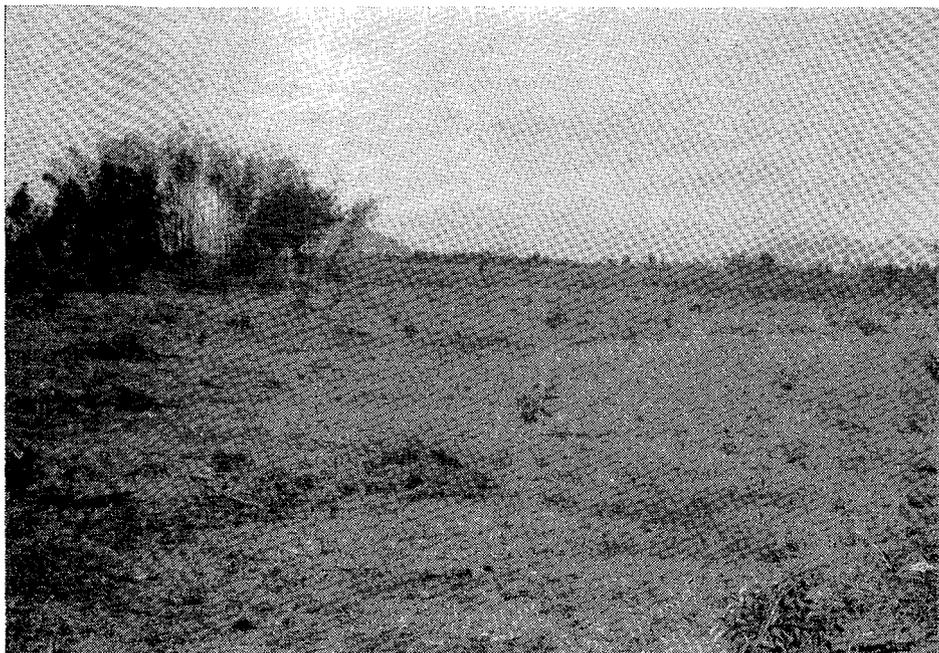


Fig 27 — Pomar de laranjeiras em início, num lote de colono brasileiro, no Núcleo de Piranema  
(Foto do Autor)



Fig 28 — Plantações de jiló, em Piranema, na propriedade agrícola de um brasileiro  
Avista-se, ao longe, os eucaliptos, reflorestamento iniciado na região

(Foto do Autor)

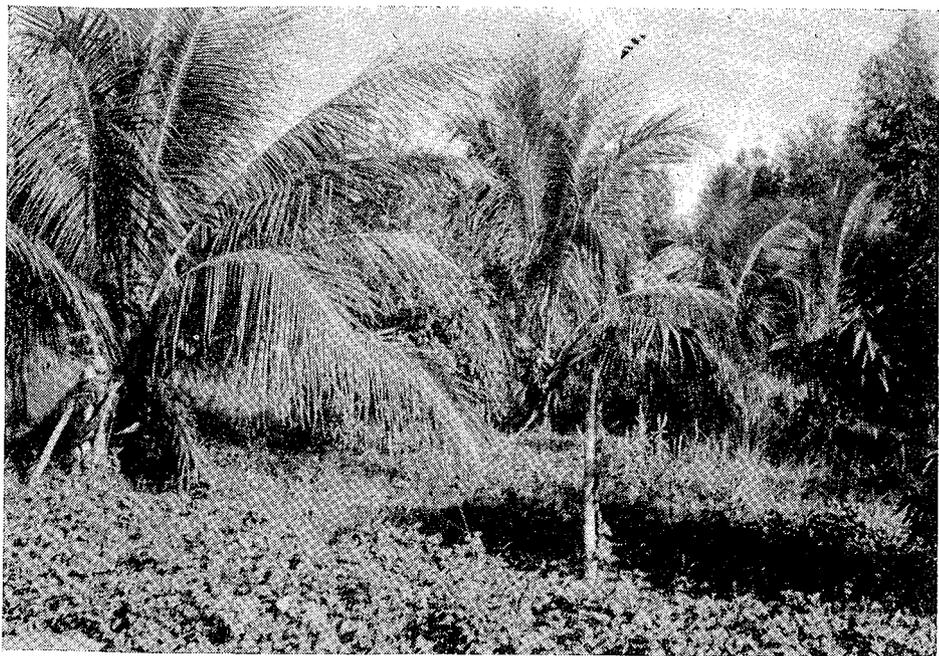


Fig 29 — Núcleo de Piranema *Plantação de coqueiros anões, em lote de colono nacional*  
(Foto Luís Guimarães)

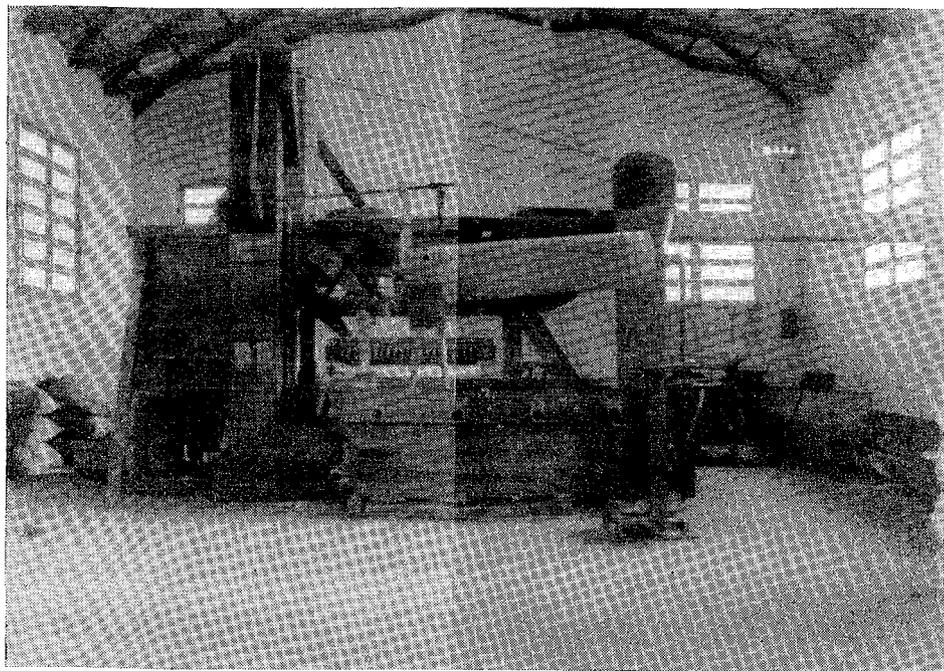


Fig 30 — *Máquina de beneficiar arroz, pertencente ao Núcleo de Piranema*  
(Foto Luís Guimarães)

as terras menos favorecidas, descansar depois de dois ou três anos de lavoura. Isso varia muito de um lugar para o outro, pois, nesta área há solos mais férteis e mais pobres, devido a sua origem, conforme já estudamos.

Como vimos os dois únicos produtos que têm arrendamento são os realizados, principalmente, por japoneses, que são o arroz e o tomate. Raramente, há o arrendamento para o plantio da banana, por ser esta uma cultura permanente e no caso de haver transferência de propriedade o dono é abrigado a indenizar o colono. Esses arrendamentos, são verbais, pagos em dinheiro e costumam ter a duração de três anos. Os proprietários têm preferência pelos contratos mais longos, porém, os arrendatários preferem prazos curtos. Toda a produção pertence ao arrendatário e destina-se ao mercado do Rio.

Nas proximidades de Itaguaí são as grandes companhias imobiliárias que, geralmente, fazem os arrendamentos. O preço varia de acordo com o lote. São donas de grandes extensões e, ultimamente, não têm renovado alguns contratos. Quando a companhia vende um lote arrendado indeniza o colono não só no valor de arrendamento, mas da produção e nas "benfeitorias" que ele tenha feito. Isso representa um problema, pois, várias áreas abastecedoras do Rio, estão sendo intensamente loteadas por essas companhias, com fins urbanísticos.

É comum nesta região, nas grandes propriedades, a parceria chamada de meação ou têrça. A metade da produção cultivada pertence ao dono da terra. O parceiro tem a obrigação do preparo da terra, plantio, cuidados e colheita dos produtos. Algumas vezes, ele traz as ferramentas e sementes. O proprietário além de dar a terra adianta dinheiro para a alimentação do parceiro e de sua família. Muitas vezes dá as sementes e cede ferramentas, porém, dificilmente empresta arado e bois e fornece o transporte. Os contratos de parceria costumam ser verbais e os parceiros renovam quase sempre os seus contratos, em média de mais de três anos, com o mesmo proprietário. É comum, porém, a mudança de área, embora com o mesmo dono.

Temos, também, o "camarada" geralmente elemento nacional, empregado na lavoura de banana, de arroz e do tomate. O salário diário é em média de Cr\$ 40,00 sem comida e de Cr\$ 25,00 com comida; havendo preferência de diária sem alimentação.

Nas pequenas lavouras, cuja produção é, em geral, arroz, feijão, milho e tomate, trabalha o dono da terra e sua família, o que se verifica entre os colonos da região, sejam japoneses ou nacionais.

Predomina o trabalho a enxada nesta região, embora, também se verifique o emprêgo do arado, principalmente, para as lavouras de arroz. É o arado de tração animal. Somente, os colonos japoneses dispõem de tratores, que são empregados no amanho das terras que se destinam ao plantio de tomates. Possui, também, o Ministério da Agricultura vários tratores, nem todos em funcionamento, auxiliando os colonos na preparação dos terrenos para as culturas.

A adubação é empregada na região, principalmente para as plantações de tomates, pelos japoneses; há uns três anos é o estrume misturado com o adubo químico. Nas hortas situadas próximas de Itaguaí, o estrume é usado há muito tempo pelos agricultores, porém, não é comum o seu emprêgo entre os colonos nacionais.

São comuns as queimadas nesta região. Todos os anos, nas épocas próprias, são queimados os pastos e as terras para as lavouras. Dizem os colonos que as mesmas são necessárias a fim de limpar o terreno, porém, não são feitas quando êste fica limpo após a colheita.

Quanto à criação de gado que é a outra atividade encontrada em áreas do município de Itaguaí, não apresenta econômicamente o mesmo valor que a agricultura. Os dados estatísticos mostram que há predomínio dos bovinos, seguidos dos suínos.

#### QUADRO N.º 5

*População Pecuária — 1952*

| NÚMERO DE CABEÇAS |         |          |        |        |        |          |
|-------------------|---------|----------|--------|--------|--------|----------|
| Bovinos           | Equinos | Asininos | Muares | Suínos | Ovinos | Caprinos |
| 31 100            | 700     | 20       | 250    | 2 600  | 600    | 500      |

FONTE: Dep Estadual de Estatística — E do Rio de Janeiro

É uma pecuária extensiva, encontrada tanto nos lotes da baixada, quanto nos da encosta. Na área em estudo há o predomínio dos pastos naturais. Em algumas fazendas, entretanto, já encontramos pastos de capim jaraguá. Seu plantio verifica-se após a queima anual das pastagens, a fim de que os pastos se renovem mais rapidamente. Os pastos, em geral, não são cercados.

Há o predomínio do gado leiteiro, correspondendo a quase 90% do rebanho da região. Quanto ao leite produzido é, em parte, consumido no município, e o restante, destina-se à industrialização. É, portanto, bem pequena a quantidade de gado destinado ao corte.

Apesar de ser área de criação, encontramos no norte do município invernadas, de gado proveniente das regiões vizinhas, que se destina aos matadouros do Rio de Janeiro.

Embora se verifique o estabulamento do gado leiteiro, não há por parte dos proprietários das fazendas, a preocupação de aproveitar o estêrco dos animais ou de vendê-lo. O aproveitamento do estêrco ocorre, em geral, nas propriedades onde a principal atividade do colono é a agrícola, tendo apenas uma parcela do seu lote dedicada ao pastoreio (fig 31).

O gado da região é vendido aos invernistas no próprio município ou para as áreas vizinhas.

Quanto aos suínos, em quase todos os lotes da baixada encontramos os chiqueiros. Tal fato levou-nos a considerar a criação de porcos, no município em estudo, mais como uma atividade doméstica do que industrial. Os colonos costumam, porém, vender parte da cria.

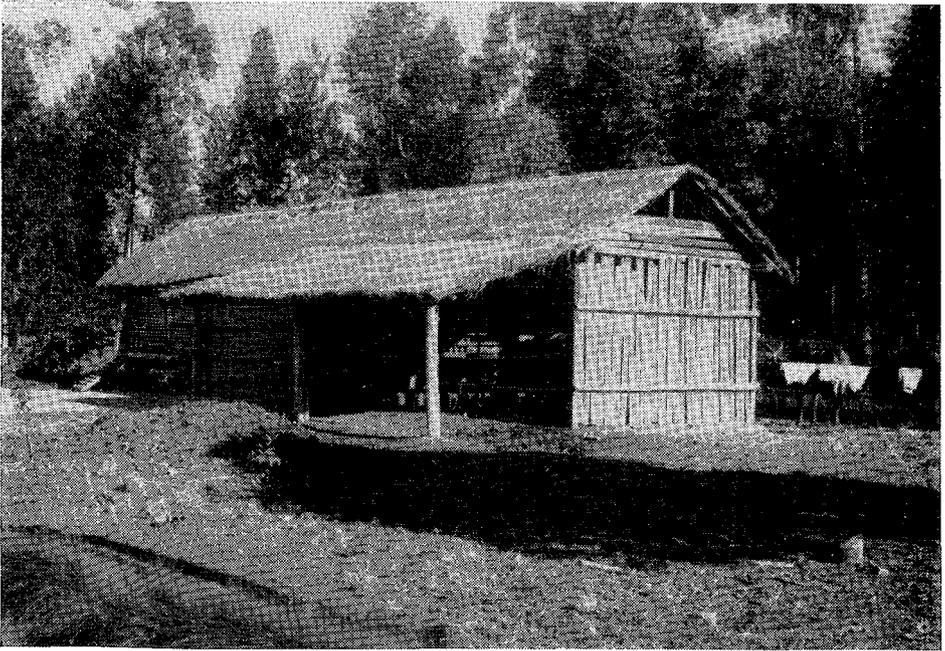


Fig 31 — Estábulo em lote de colono brasileiro. Gado destinado, principalmente, ao fornecimento de leite

(Foto do Autor)

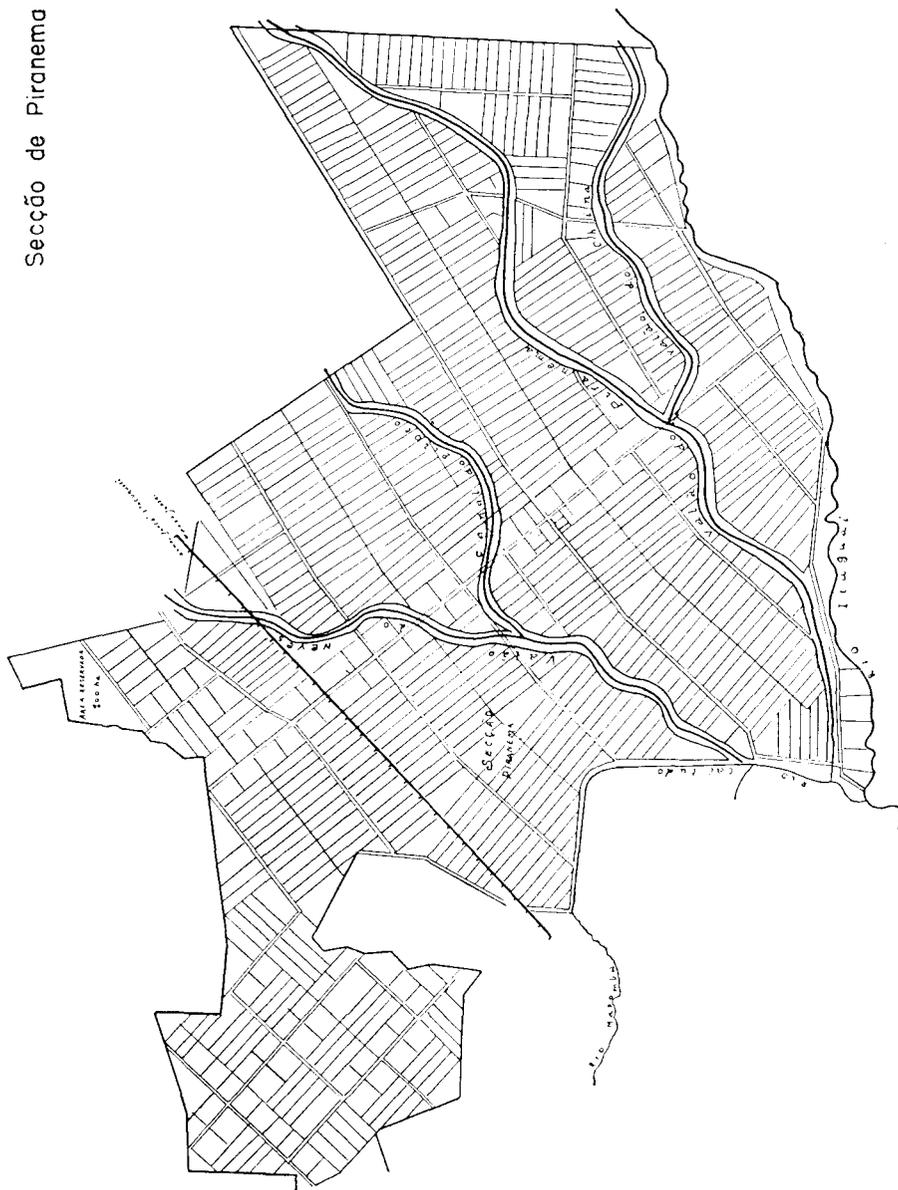
Quanto ao tamanho, temos três tipos de propriedades no município de Itaguaí: as pequenas, com 5 hectares, as médias, com 8 hectares e, as grandes propriedades, em geral, com mais de 10 hectares de área. No distrito-sede de Itaguaí, encontramos o predomínio das grandes propriedades que, ultimamente, têm sido subdivididas, possibilitando melhor aproveitamento agrícola do solo. No Núcleo Colonial de Santa Cruz, Secção de Piranema verifica-se o predomínio dos lotes de 10 hectares (fig. 32).

Na baixada predominam os lotes de 10 hectares, onde ocorrem mais freqüentemente as culturas temporárias. Nesses lotes, também, encontramos as culturas permanentes, pois, é raro o predomínio de uma delas. Muitos lotes da baixada possuem pequena área dedicada ao pastoreio.

Na região em estudo, entretanto, em muitos lotes de 10 hectares, que na zona de Piranema são considerados grandes, verificou-se maior ocupação da área pelas pastagens, e apenas, uma pequena porcentagem dedicada às culturas permanentes. Estas, geralmente, ocorrem com a atividade pastoril e, muito dificilmente, encontramos as culturas temporárias.

NUCLEO COLONIAL DE SANTA CRUZ

Secção de Piranema



Escala 1:50 000

Fig. 32

Raros são os lotes, na baixada, que possuem matas, apesar de o colono ser obrigado a dedicar uma parte da área às mesmas. Essa determinação não é cumprida, sendo iniciada uma campanha de reflorestamento: são os eucaliptais e, ultimamente, iniciou-se o plantio de jaqueiras. Verifica-se, portanto, uma exploração intensiva de todo o lote pelo homem, com suas atividades agrícolas.

Enquanto isso, na encosta e na serra aparecem lotes muito maiores, como se observa na área do distrito-sede de Itaguaí, de tamanhos variados — constituindo sítios e fazendas — onde, em geral, domina a cultura permanente. São, principalmente, os grandes bananais ou as áreas dedicadas à criação de gado. Nos lotes onde predomina a criação existem, somente, áreas de pastagens e de matas. Em alguns lotes, às vezes, encontramos a atividade agro-pastoril. Constituem exceção, na encosta, os lotes pequenos onde predominam as culturas permanentes.

Nos lotes da encosta surgem, com mais intensidade, as matas, que ocupam boa porcentagem da área. É interessante salientar que em muitos lotes encontramos o predomínio da área de mata sobre a cultivada. Isso se nota, principalmente, nos lotes localizados na parte mais alta da encosta, representando um obstáculo a expansão dos bananais na ocupação da encosta, como se observa nas proximidades da cidade de Itaguaí.

Existem na área em estudo associações agrícolas que auxiliam os colonos. Estes queixam-se da falta de auxílio por parte do governo estadual e federal. Aham que o Ministério da Agricultura deveria incentivar um pouco mais a agricultura na região, fornecendo mais sementes, e melhores, e, também reprodutores de raça. Os colonos, de modo geral, são auxiliados pelas associações rurais, que vendem sementes, adubos e ferramentas por preços mais acessíveis. Entretanto, muitos agricultores de Itaguaí não estão filiados a essas associações, principalmente os nacionais, pois, alegam que não vêem nenhuma vantagem nisso.

No Núcleo de Piranema, temos a Cooperativa Mista do Núcleo Colonial de Santa Cruz, que apesar de recente, muito tem auxiliado seus associados. A quota do colono varia de acôrdo com a produção e vai desde Cr\$ 1 000,00 até Cr\$ 10 000,00, sendo paga em prestações. A Cooperativa já conta com uns 150 sócios.

Muitos colonos desse Núcleo estão, também, filiados à Cooperativa Agrícola Mista de Itaguaí Ltda, que fornece sementes e adubos, arrecada a produção dos seus associados, que leva em seus caminhões, em número de dois, para o mercado do Rio de Janeiro. Dessa produção 10% ficam para a Cooperativa e, o frete é pago pelos colonos. Possui a Cooperativa barraca no Mercado Municipal e secção no de Madureira, no Rio. A sua sede é própria, possuindo dois moinhos de fubá e mistura de rações, pois, pretende iniciar um aviário, tendo solicitado autorização à COFAP.

Há, ainda, a Sociedade Agrícola de Itaguaí e a Cooperativa Mista dos Trabalhadores Rurais do Estado do Rio de Janeiro, esta com sede em Nova Iguaçu.

Muitos agricultores da região têm sido auxiliados pelo Banco Pre-dial do Estado do Rio de Janeiro, instalado há cêrca de um ano, na cidade de Itaguaí. Faz empréstimos aos colonos, no prazo de quatro meses, com juros de 1% ao mês e pagamento em dinheiro. No ano pas-sado fêz mais de 100 empréstimos, principalmente, para os colonos japoneses.

Outro elemento que está se enraizando na região — é o alemão, em número bem apreciável e aí estabelecidos há uns três anos. Muitos dêles já estiveram em outros pontos do território brasileiro, em Santa Catarina e mesmo no estado do Rio, em Barra Mansa. Consideram a região um meio propício ao desenvolvimento de suas atividades econô-micas, dada a proximidade do Rio de Janeiro. Dedicam-se, geralmente à agricultura. Administram e trabalham em grandes propriedades, mo-rando de preferência nos arrabaldes da cidade de Itaguaí. Um dêles pretende organizar um grande aviário, na região, a fim de abastecer o Rio, em galináceos e ovos. Foi iniciada, também, por um dêses colonos uma criação de suínos, visando à industrialização.

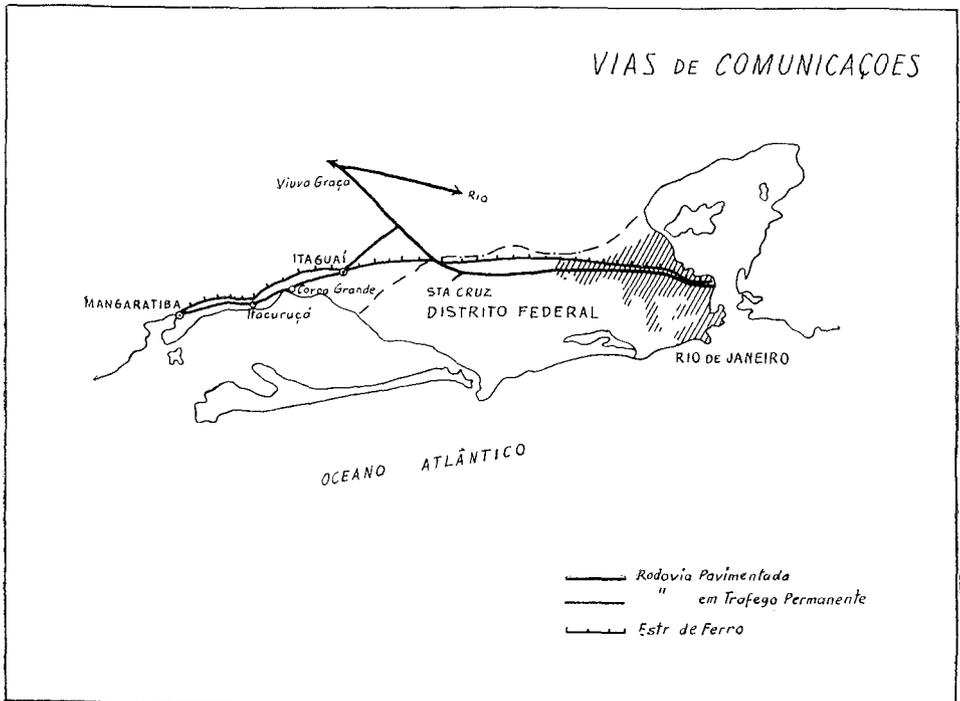


Fig 33

Tôda a produção da região destina-se ao grande mercado consu-midor, que é o Rio de Janeiro. Apesar de essa área ser servida pelos trens da Estrada de Ferro Central do Brasil (ramal de Mangaratiba), que

ligam a sede-distrito de Itaguaí ao Rio, com uma média de três viagens por dia (ida e volta), preferem os colonos transportar suas mercadorias por caminhão, embora o frete seja mais caro. Alegam que sendo moroso o transporte ferroviário e, em se tratando de produtos facilmente perecíveis — legumes, hortaliças —, que é mais compensador o transporte rodoviário (fig. 33).

Verifica-se, no entanto, maior intercâmbio de Itaguaí com Santa Cruz, no Distrito Federal, dada a pequena distância entre essas duas estações da Central. É comum, o transporte de muitos produtos por via férrea até Santa Cruz, de onde são conduzidos por caminhões para os mercados abastecedores do Rio. Esse intercâmbio é facilitado pelo célebre “Macaquinho”, trem misto, de tração a vapor, que diariamente trafega entre Santa Cruz e os núcleos do oeste fluminense, passando por Itaguaí.



Fig. 34 — Aspecto da estação de Itaguaí, vendo-se o célebre “Macaquinho”, que liga Sta Cruz a Itaguaí, e outros pontos do oeste fluminense (Foto do Autor)

O transporte das mercadorias é, assim, feito de preferência por caminhões. Muitas vezes o colono vende a sua mercadoria diretamente para o Mercado Municipal do Rio. Outros se utilizam de intermediários, geralmente, proprietários dos caminhões que têm uma porcentagem sobre a venda, que varia de acordo com o produto (fig. 35).

Quando são as associações que se encarregam da venda das mercadorias, elas em geral têm uma porcentagem de 10% sobre a venda, cabendo ao colono pagar o frete. O Núcleo de Piranema faz aos sábados o transporte dos produtos dos colonos. Nos outros dias da semana o colono tem que pagar a despesa. Muitos colonos, porém se utilizam de



Fig. 35 — Caminhão de bananas, que se destina ao mercado do Rio  
(Foto do Autor)

intermediários ou vendem diretamente os seus produtos, sem a interferência do núcleo.

A destruição da estrada de rodagem Itaguaí-Santa Cruz, obrigando os caminhões a utilizarem-se da Rio-São Paulo, percurso mais longo, ocasionou aumento do preço da mercadoria, pois, o frete ficou mais caro.

Em geral, quando o produto não vem para o Mercado Municipal do Rio de Janeiro, êle é encaminhado para o de Madureira, onde as associações mantêm secções, pois, o principal objetivo delas é assegurar a venda dos produtos de seus associados.

Ê essa zona uma importante abastecedora de um dos maiores mercados consumidores do Brasil, que é a cidade do Rio de Janeiro.

### ITAGUAÍ — SEU DESENVOLVIMENTO

A atual cidade de Itaguaí, cujas origens remontam ao templo de São Francisco Xavier (fig. 36) construído pelos missionários da Companhia de Jesus, em terras da antiga Fazenda de Santa Cruz, situa-se numa região relativamente plana.

Itaguaí assenta sôbre dois níveis diferentes — o da baixada própria dita e o das pequenas colinas cuja altitude oscila entre 15 e 20 metros (figs. 37 e 38). Durante muito tempo as construções existentes no núcleo de Itaguaí eram em número bem reduzido, ocupando apenas as áreas planas, limitadas pelas valas do Engenho e do Lava-Pés, hoje canalizadas, ficando numa das colinas a igreja e o cemitério (fig. 39).

Apresenta-se, atualmente, Itaguaí numa fase de melhoramentos que são atestados, não só pelo crescimento do espaço urbano, mas também pelo aumento da população citadina. Em 1940 contava a cidade de Itaguaí com uma população de 872 habitantes, número êsse que se elevou para 2 923 pessoas, no quadro urbano e suburbano, segundo o censo de 1950.

Possui Itaguaí vida própria e já apresenta características de uma cidade moderna. Ê uma nova “urbs” que aparece, após um longo período de decadência, com ruas bem delineadas, calçadas e iluminadas, com água encanada e esgotos. As casas modernas (figs. 40 e 41) con-

trastam com os velhos prédios existentes, em número bem pequeno, relíquias de um período de esplendor da região (figs. 42 e 43).



Fig 36 — A velha Igreja de S. Francisco Xavier, que data do tempo dos jesuitas, em torno da qual se gruparam as casas que deram origem à cidade de Itaguai

(Foto do Autor)

As funções urbanas do núcleo de Itaguai existem em função da área rural. Essa é, sem dúvida, a principal característica das finalidades desse centro que, tanto no passado quanto no presente, teve sempre seu desenvolvimento ligado às atividades agrícolas. É, também, um pequeno, porém, ativo centro comercial, e suas indústrias estão num surto progressista. A função residencial é, no entanto, a mais expressiva.

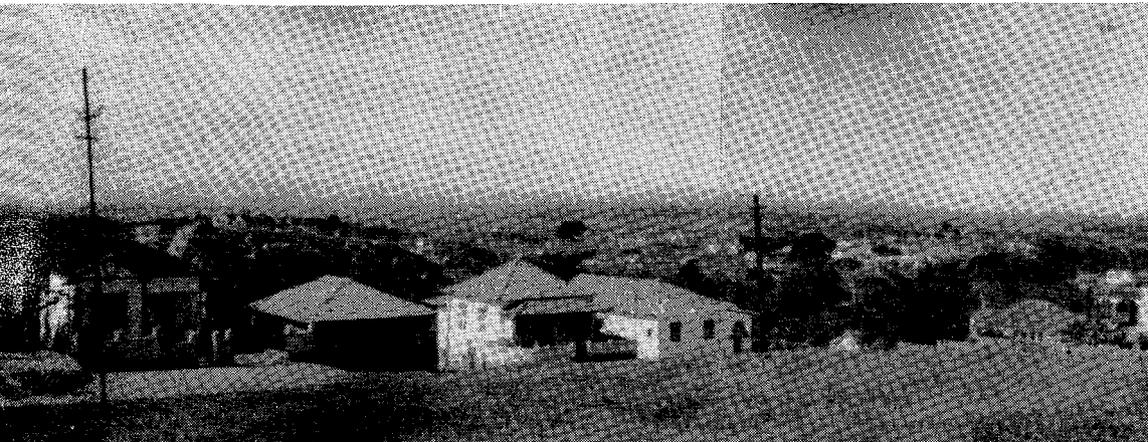


Fig 37 — Aspecto do crescimento da cidade através das colinas, avistando-se a baixada com habitações um pouco mais esparsas

(Foto do Autor)

A função bancária é representada por uma agência do Banco Pre-dial do Estado do Rio.

O comércio de Itaguaí serve aos moradores da cidade e das áreas rurais, que aí se abastecem em fazendas, roupas, calçados, remédios e outras mercadorias. As casas comerciais são determinadas. bares, ar-marinhos, farmácias, armazéns, etc.

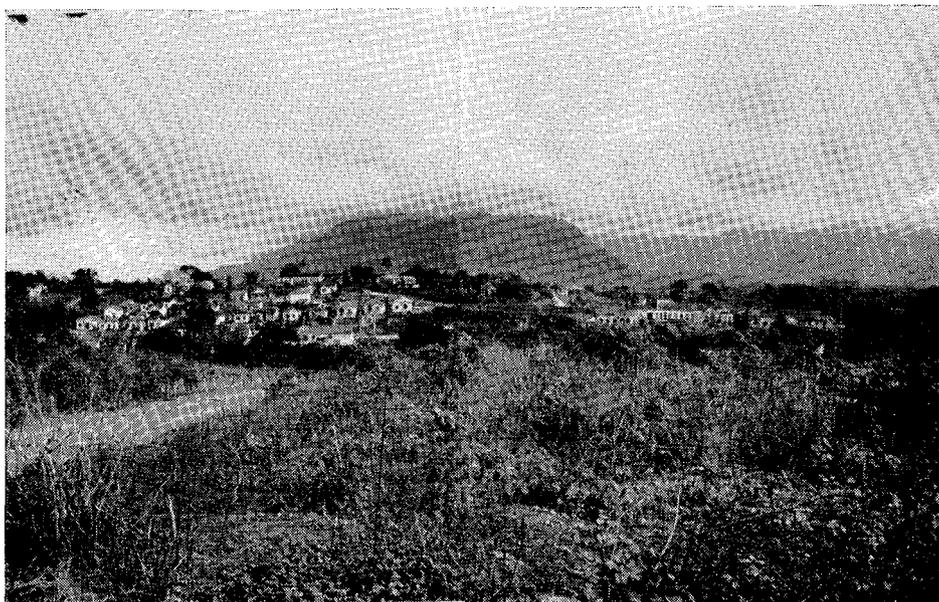


Fig 38 — Vista parcial da cidade de Itaguaí, avistando-se nitidamente a serra  
(Foto do Autor)

No comércio destacam-se os elementos japoneses, aí estabelecidos mais ou menos em torno de 1940, após o saneamento da região, vindos do território paulista à procura de “nova vida” Muitos desses comerciantes japoneses, também, possuem propriedades agrícolas, tendo seus lotes arrendados a elementos da colônia. Esta tende a aumentar devido às grandes possibilidades agrícolas e, mesmo, comerciais, que a região apresenta.

Quanto à atividade industrial, registramos a existência da Companhia Cerâmica de Itaguaí (fig 44), da Fábrica Concórdia, especializada no fabrico de doces e balas, e possui depósito no Rio de Janeiro, ambas instaladas com moderna maquinaria Existem também várias serrarias e outras pequenas indústrias locais, que fornecem materiais não somente para a região, mas também, para as vizinhas.

O crescimento e a modernização dessa “urbs” tem sido possibilitado pelo grande desenvolvimento agrícola da região, mas também, influenciado pelos loteamentos que trouxeram maior valorização das terras Aumenta, assim, Itaguaí cada vez mais o seu perímetro urbano A cidade

não se limita mais à área da baixada; aos poucos vai-se espraiando pelas colinas vizinhas. Há, todavia, tendência ao adensamento urbano, devido ao comércio crescente, impulsionado pela grande produção agrícola (fig 45).

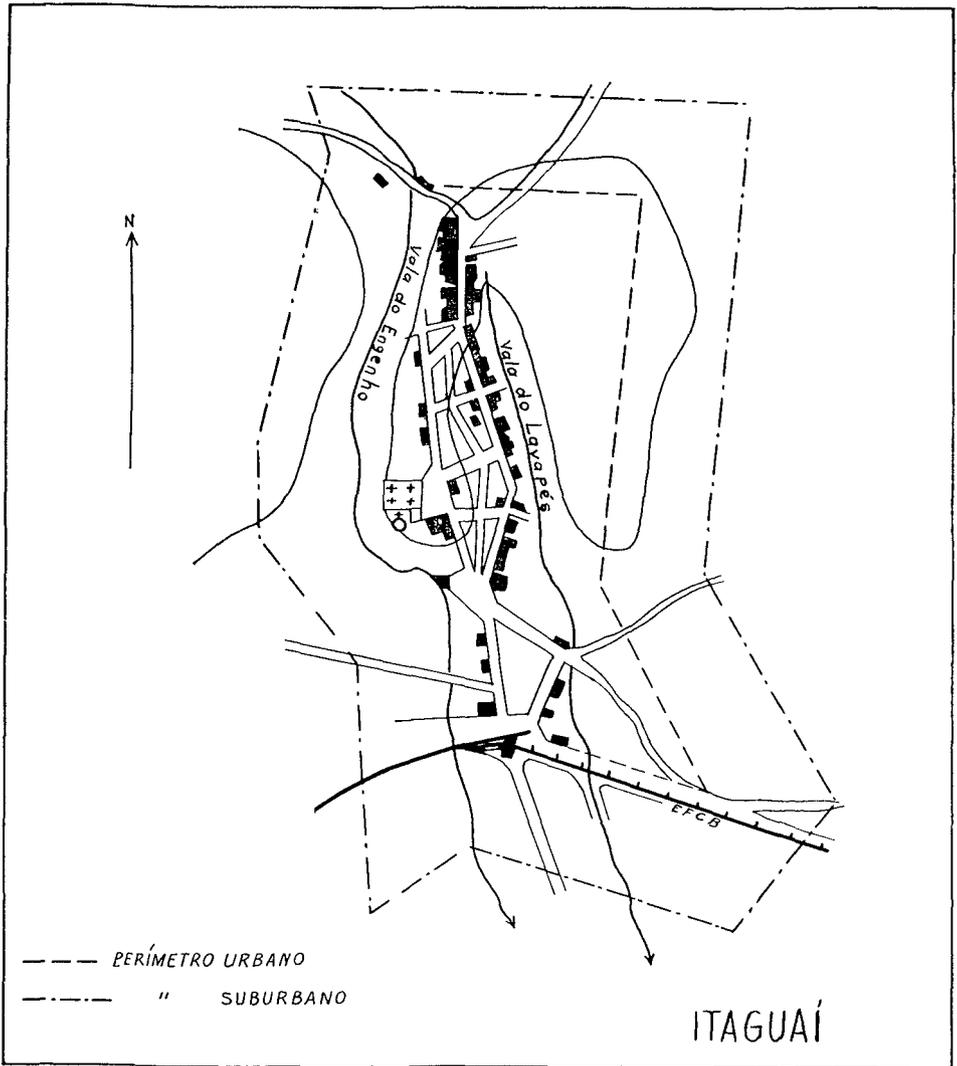


Fig 39

Os loteamentos que se processam em tôda a Baixada Fluminense, são também bastante intensos nesta área. É a venda a longo prazo de terrenos para fins urbanos ou para veraneio e "week-end". Itaguaí está cercada de loteamentos, que se prolongam ao longo do leito da via férrea, como também em tôda a orla litorânea. Coroa Grande reflete bem êsses loteamentos, é uma vila destinada ao veraneio e a "week-end" devido à existência do mar — é a valorização de suas terras pobres, que não tinham grandes possibilidades de aproveitamento agrícola.

Inúmeras são as companhias imobiliárias que se dedicam a êsse comércio especulativo, que ocasiona a transformação de grandes áreas rurais em urbanas. É intenso o loteamento nos arredores de Itaguaí, variando o valor do terreno, de acôrdo com a localização. Há lotes desde o valor de Cr\$ 20 000,00 até Cr\$ 120 000,00, êstes localizados na rua principal da cidade. É grande a valorização da terra. Entre essas companhias imobiliárias anotamos a Fazenda Piranema Limitada, a Raisa, Parque Xaperó, Parque Mont Serrat, Parque Melhoramentos Mazombinha e, muitas outras. Tôdas utilizando os mais variados meios de propaganda e oferecendo como sempre grandes garantias e uma pronta valorização das terras e um rápido desenvolvimento da região.

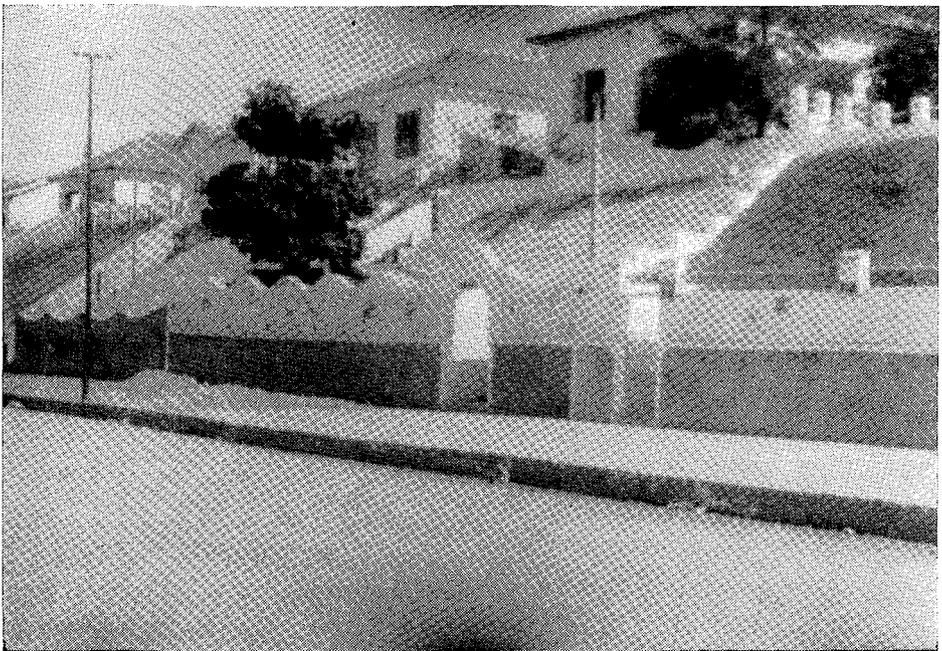


Fig 40 — *Aspecto da urbanização de Itaguaí*

(Foto do Autor)

Incontestavelmente, Itaguaí centraliza uma zona de grande capacidade agrícola, o que tem permitido o seu desenvolvimento urbano. É bem grande a influência da Capital Federal nesta área devido à pequena distância existente entre os dois núcleos. Ligada ao Rio de Janeiro por via férrea (EFCB) e por estradas de rodagem, Itaguaí está se urbanizando. É um importante núcleo residencial e, mais recentemente, tem-se destacado como cidade de veraneio.

Todos êsses elementos — agricultura, comércio, indústria, loteamentos e facilidade de comunicações — têm concorrido para o seu progresso e permitido sua projeção na paisagem da Baixada de Sepetiba.

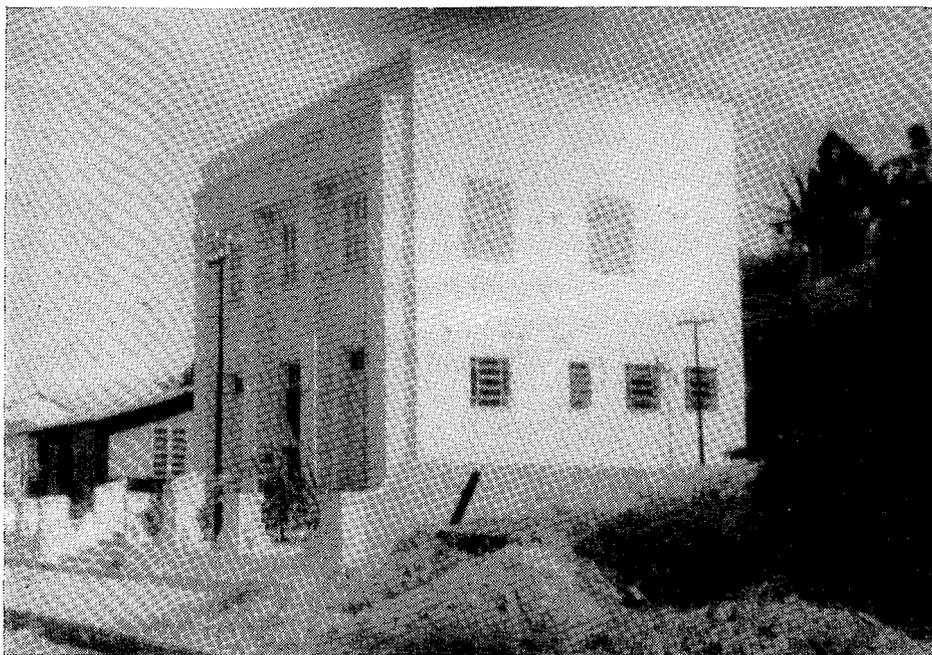


Fig 41 — *Edifício dos Correios e Telégrafos*

(Foto do Autor)



Fig 42 — *Ocupação antiga — velho prédio, datando do século XVIII*

(Foto do Autor)

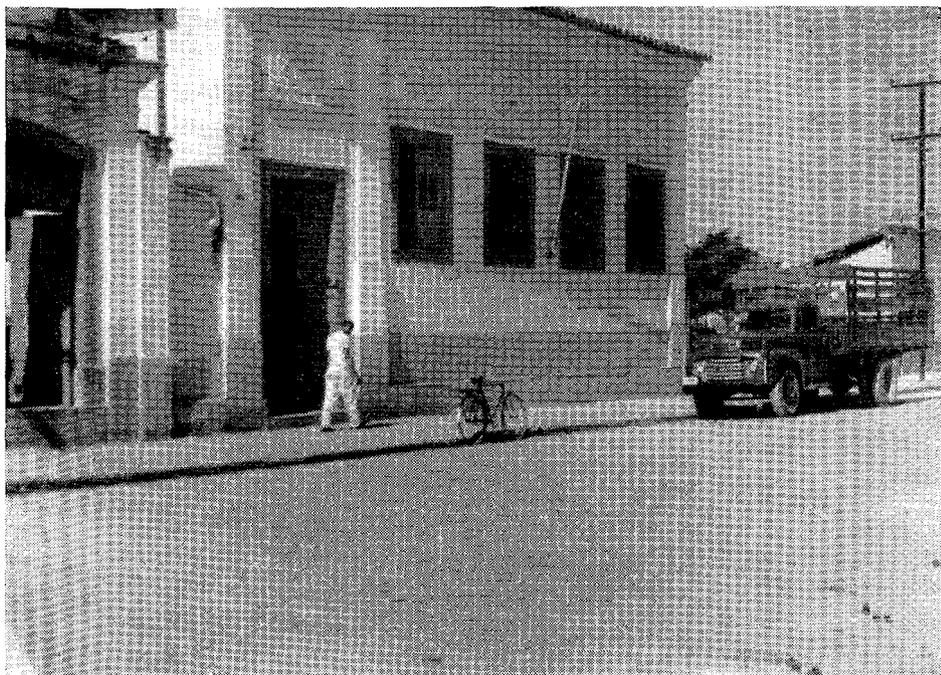


Fig 43 — *Forum de Itaguai, localizado num prédio bem antigo*  
(Foto do Autor)

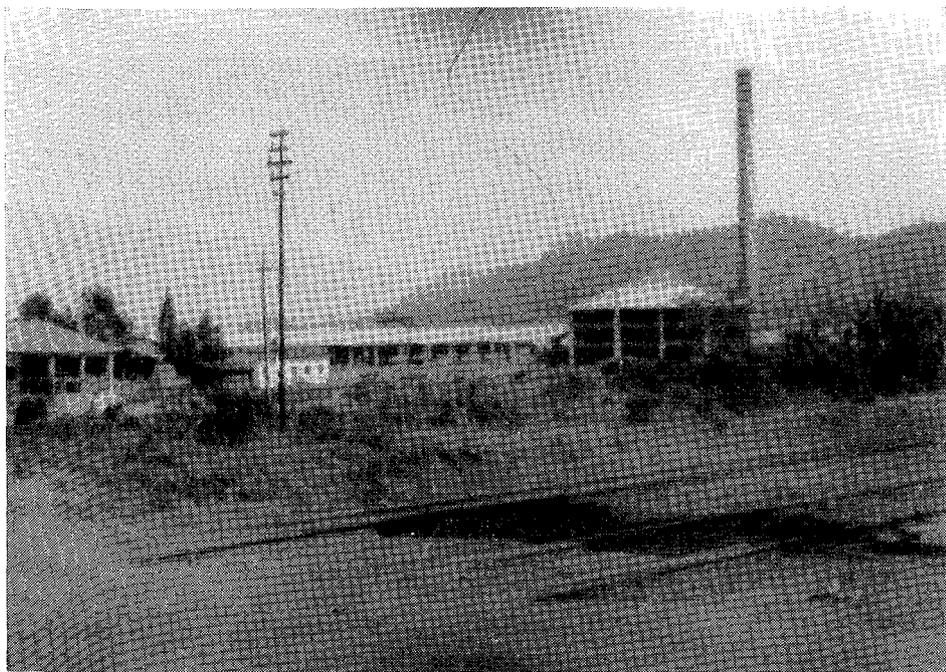


Fig 44 — *Constitui uma das atividades industriais da região, a Companhia Cerâmica de Itaguai, localizada próximo da estação ferroviária de Itaguai*  
(Foto do Autor)



Fig. 45 — Vista aérea da cidade de Itaguai, notando-se perfeitamente o perímetro urbano, pelo aglomerado das habitações, que se espalham pela baixada e, mais recentemente, pelas colinas. Avista-se com nitidez o traçado dos novos loteamentos que são numerosos na cidade.

(Fotografia gentilmente cedida pelo Serviço Geográfico do Exército)  
(Da Divisão de Geografia)

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRÉ JOÃO ANTONIL (João Antônio Andrioni, SJ) — “Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas” — com um estudo bio-bibliográfico por AFONSO DE E TAUNAY — São Paulo — 1923.
- “Anuário Estatístico do Estado do Rio de Janeiro”, ano I — 1953 — Departamento Estadual de Estatística — Estado do Rio de Janeiro
- BARBOSA LIMA SOBRINHO — “Problemas Econômicos e Sociais da Lavoura Canavieira” — 2ª edição — Rio — 1943.
- BERNARDES, Lísia Maria Cavalcanti — “Tipos de clima do estado do Rio de Janeiro” — in “Rev Brasileira de Geografia”, ano XIV, n.º 1; janeiro-março 1952
- “Cadastro Rural” — Secção de Documentação Municipal — Departamento Estadual de Estatística — Estado do Rio de Janeiro — 1952
- CAPISTRANO DE ABREU, J — “Capítulos da História Colonial” (1500-1800) — Edição da Sociedade Capistrano de Abreu — Rio — 1943
- COUTO REIS, Manuel Martins do — “Memória de Santa Cruz” — “Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro” — Vol 5 — Tomo 5, ano 1843
- GADELHA, Valdemar — “Relatório do Departamento de Terras e Colonização”. Ministério da Agricultura — 1952
- GEIGER, Pedro Pinchas — “Loteamento na Baixada Fluminense” — in “Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro” — 1952, pp 95-101
- GEIGER, Pedro Pinchas — “A respeito de produtos valorizados” — in “Boletim Carioca de Geografia”, ano VI, ns 3 e 4 — 1953.
- GÓIS, Hildebrando de Araújo — “A Baixada de Sepetiba” — Relatório do DNOS — 1942 — Rio
- GÓIS, Hildebrando de Araújo — “Saneamento da Baixada Fluminense” — Relatório apresentado pelo Eng.º Chefe da Comissão de Saneamento da Baixada Fluminense — Rio — 1934.
- “Itaguaí — Estado do Rio” — Festejos comemorativos do centésimo trigésimo primeiro aniversário da criação do município — Prefeitura Municipal do Estado do Rio — 1949.
- “Itaguaí” — in “Subsídios para o Estudo da Evolução Social e Política dos Municípios Fluminenses” — Secção de Documentação Municipal — IBGE — CNE
- “Inquérito Municipal” — Organizado pela Comissão Nacional de Política Agrária em colaboração com o IBGE — 1952
- LAMEGO, Alberto Ribeiro — “Os Engenhos de Açúcar nos Recôncavos do Rio de Janeiro em Fins do Século XVII” in “Brasil Açucareiro”, ano XI, vol XX, n.º 6, dezembro 1942
- LAMEGO, Alberto Ribeiro — “O Homem e a Serra” — Biblioteca Geográfica Brasileira — Publicação n.º 8 da série A “livros” — IBGE — CNG — Rio — 1950.
- LAMEGO, Alberto Ribeiro — “O Homem e a Guanabara” — Biblioteca Geográfica Brasileira — Publicação n.º 5 da série A “Livros” — IBGE — CNG — Rio — 1948
- LAMEGO, Alberto Ribeiro — “Notas Geológicas sobre a Baixada de Santa Cruz” — in “Notas Preliminares e Estudos”, n.º 4, outubro, 1936 — Serviço Geológico e Mineralógico — Ministério de Agricultura
- MAGALHÃES, Correia — “A Margem do Sertão Carioca” — “Estradas de Rodagem” — in “Correio da Manhã”, 4 de junho de 1939
- MENDES, Renato da Silveira — “Paisagens Culturais da Baixada Fluminense” — Tese de doutoramento — outubro, 1948 — Universidade de São Paulo — Boletim CX “Geografia” n.º 1 — São Paulo — 1950



- MENDES, Renato da Silveira — “Viajantes Antigos e Paisagens Modernas na Baixada Fluminense” — “Boletim Geográfico”, ano IV, n<sup>o</sup> 47, fevereiro, 1947
- MESQUITA, Miriam Gomes Coelho — “Notas sobre a Produção da Mandioca na Baixada Fluminense” — in “Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro” — 1952, pp. 110-116
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo — “Angra dos Reis” — Guia de Excursão — IBGE — CNG — Rio — 1954
- PEDROSO, José e Pôrto, Adolfo — “Rio de Janeiro” — O Estado e o Município — Rio — 1950
- PIZARRO e ARAÚJO, José de S A — “Memórias históricas do Rio de Janeiro e das províncias anexas à jurisdição do vice-rei do Estado do Brasil” — Imprensa Nacional (2<sup>a</sup> edição) — Rio — 1945
- PRADO JÚNIOR, Caio — “História Econômica do Brasil” — Editôra Brasileira Ltda — São Paulo — 1945
- Relatórios anuais do Departamento Nacional de Obras e Saneamento, desde 1939 até 1952
- RUELLAN, Francis — “Evolução Geomorfológica da Baía de Guanabara e das Regiões Circunvizinhas” — Separata da “Rev Brasileira de Geografia”, ano IV, n<sup>o</sup> 4, outubro-dezembro, 1944
- RUELLAN, Francis — “Aspectos Geomorfológicos do Litoral Brasileiro no Trecho Compreendido entre Santos e o Rio Doce” — in “Boletim” da AGB, n<sup>o</sup> 4, novembro, 1944, pp 6-12
- SALDANHA DA GAMA, José — “História da Imperial Fazenda de Santa Cruz” — “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro” — Vol 51 — 1875
- SAINT-HILAIRE, Augusto de — “Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo” (1822) — Tradução de AFONSO DE E TAUNAY — São Paulo — 1932.
- SAMPAIO, A J de — “Fitogeografia do Brasil” — Série Brasileira — Vol. 35 — Cia Editôra Nacional — São Paulo — 1934.
- SERRA, Adalberto e RASTIBONNA, Leandro — “O Clima do Rio de Janeiro” — in “Boletim Geográfico” n<sup>o</sup> 28, ano III, julho 1945, p 527
- SEIDLER, Carl — “Dez anos no Brasil” — Tradução do general BERTOLDO KLINGER
- SILVA, MOACIR M F. — “Geografia dos Transportes no Brasil” — Biblioteca Geográfica Brasileira — Publicação n<sup>o</sup> 7 da série A “Livros” — IBGE — CNG — Rio — 1945.
- SOUTO MAYOR, Ariadne Soares — “Tipos Climáticos do Distrito Federal” — Inédito
- TAUNAY, Afonso de E — “Pequena História do Café no Brasil” — 1727-1937 — Edição do DNC — Rio — 1945
- VÁRZEA, Afonso — “O Engenho de Itaguaí” — in “Brasil Açucareiro”, ano XV, vol XXIX, n<sup>o</sup> 1, janeiro — 1947
- VÁRZEA, Afonso — “Pilares Açucareiros da Fazenda de Santa Cruz” — in “Brasil Açucareiro”, ano XV, vol. XXIX, n<sup>o</sup> 3, março — 1943

---

SUMMARY

Examining phisics and humans aspects from the region of Itaguaí, that makes part of the Fluminenses's scheme, the author study the economical evolution of area, reporting to the begining of his considerations, at the time of our colonization, thinking in facts responsible for the prosperitã that it enjoyed then and observing the causes that determinated the decaying that was followed; to, in conclusion, to be comming the actual phase that it resemble to begin with a tendency to recuperation, based in the increasing index from agriculture that consider “his principal economical recourse, because the lands from Itaguaí makes part of the *big green's strap* of Rio de Janeiro

To reach to that conclusions, the author foresseeing the scarcity of bibliographical's dices, had feel to obliged to, make an exhaustive and delaying research's work in order to make possible from him to enter in the general study from physicist's aspects, stopping in observations about relief, hydrography from climate and vegetable's revestiment, following in her attention to the share relative o the human's occupation

The author had'nt forgotten to consider facts relationed with sanitary problem, with agricultural activities in several foms, with cattle and with transport indispensable element and predominating for solution of this essential point

To finish, foessesee good perspectives for the future economical development of Itaguaí, comprehending something more important, like augmentation of population, enlargement of polites areas, the growth of index of activities and commercials and industrial interest and at last a ampliation of comunication's manner

The foreign element colonizator is represented by the presence of Japanese piedominating in the commercials establishment, considering like a first radical consequencey of recoverement holded in plan

The author ainm S Paulo as the place who has give much progress, seeing it like a revelation of possibilities that Itaguaí give today to the human work, like it was happen in the good phase of aid farm Sta Cruz in XVII century wich Jesuits had developed impulsed and delivered to the modern element, which by unforseeing facts it ha not support even considering that higher situation conquered with endeavor and tenacity of action from negro mixed with catechize indians under rude and elementary method, only used untill then around sugar and coffee

---

### RESUMÉ

Examinant les aspects physiques et humains de la région de la Commune de Itaguaí, qui comprend une partie de la plaine Fluminense, l'auteur analyse l'évolution économique de cette zone, en se rapportant, pour commencer son examen, aux temps de notie colonisation, considérant les facteurs responsables pour la prospérité dont elle jouissait alors et en observant les causes de la decadence qui lui a succédé, pour, finalement, pénétrer dans la phase actuelle qui lui semble présenter une tendance à la récupération, basée sui le développement de l'agriculture, qu'il considère "sa principale ressource économique, car les terrains de la Commune d'Itaguaí font partie de ce qu'on appelle la *ceinture verte* de Rio de Janeiro"

Pour arriver à ces conclusions, l'auteur, à défaut de données bibliographiques, s'est vue obligée à faire un long et profond travail de recherches pour pouvoir mieux pénétrer dans l'étude générale des aspects physiques, en faisant des observations sur le relief, l'hydrographie, le climat et la végétation, pour, ensuite, étudier la partie relative à l'occupation humaine

Cela n'a pas fait oublier à l'auteur de considérer les facteurs en rapport avec le problème de l'assainissement, avec les activités agricoles dans ses formes variées, avec l'élevage et avec les transports — élément nécessaire et prépondérant pour la solution de ce point essentiel

Finalement, elle prévoit de bonnes perspectives pour le futur développement économique d'Itaguaí, embrassant les domaines les plus importants, tels que, l'augmentation de la population; l'élargissement des zones urbaines; l'élévation du niveau des activités et des intérêts commerciaux et industriels et, enfin, l'ampliation des moyens de communication

L'élément colonisateur étranger est représenté par les japonais, surtout dans les établissements commerciaux, leur présence étant considérée comme la première conséquence de l'assainissement radical de la plaine

Il faut remarquer que l'auteur donne São Paulo comme le lieu d'origine de cet élément propulseur de progrès, voyant en cela une révélation des possibilités qu'offre l'Itaguaí d'aujourd'hui au travail humain, comme il est arrivé au cours de la phase d'or de l'ancienne ferme "Santa Cruz" du XVIII<sup>e</sup> siècle, que les Jésuites ont développée et l'ont livrée à l'élément moderne, qui pour des circonstances imprévues ou mal considérées, n'a pas réussi à conserver, même en considérant que cet apogée a été conquis avec l'effort et la tenacité du nègre et de l'indien catéchise sous de rudes et anachroniques méthodes, alors uniques et généralisées, circonscrits aux plantations de canne à sucre et de café